

A colocação dos clíticos no ambiente das orações infinitivas introduzidas por preposição no Português Clássico

0. Apresentação

A colocação dos clíticos no ambiente das orações infinitivas introduzidas por Preposição no Português Clássico está vinculado ao projeto temático *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Lingüística Fase II*¹, e se propõe a descrever o comportamento dos clíticos em relação aos verbos nas infinitivas introduzidas por diferentes preposições e detectar tendências proclíticas e enclíticas ou a variação desses posicionamentos ao longo do período estudado. Também teve como objetivo contribuir na construção do corpus *Tycho Brahe*², organizando os dados das sentenças infinitivas preposicionadas.

1. Dados da pesquisa: extração e metodologia

Todas as orações utilizadas nesta pesquisa foram extraídas do corpus eletrônico *Tycho Brahe*, onde podemos encontrar textos do período clássico do português europeu. Os textos que integram o corpus, construído nos moldes *Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English*, após serem ortograficamente transcritos são expostos a um etiquetador (o *tagger*, uma ferramenta construída pelo projeto *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudanças Lingüísticas*) e recebem etiquetas morfológicas³ contendo uma estrutura interna com caracteres que identificam morfológicamente a categoria e flexões de todas as palavras, bem como os símbolos de pontuação:

¹ O projeto tem como um de seus objetivos o estudo de fatores que levaram à mudança lingüística que originou o Português Europeu Moderno a partir do Português Clássico, concentrando o seu foco de pesquisa nas relações entre sintaxe e prosódia. O endereço eletrônico do projeto é <http://www.ime.usp.br/~tycho>.

² O corpus pode ser visualizado no endereço eletrônico <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>.

³ As etiquetas morfológicas são descritas e melhor explicadas na página da internet <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus/manual/tags.html>

Esmerou-se/VB-D+SE com/P todos/Q-P os/D-P enfermos/N-P o/D incansável/ADJ-G Padre/NPR Matheus/NPR Delgado/NPR ;/. ele/PRO assistia/VB-D a/P todos/Q-P ,/, e/CONJ acudia/VB-D a/P todas/Q-F-P as/D-F-P partes/N-P :/. já/ADV sobre/P o/D fogão/ N a/P guisar/VB o/D comer/VB ;/. já/ADV à/P+D-F cabeceira/N dos/P+D-P enfermos/N-P a/P ministrar-lho/VB+CL+CL com/P pontualidade/N grande/ADJ-G ,/, e/CONJ raro/ADJ desprezo/N de/P si/PRO mesmo/FP :/. e/CONJ mereceu/VB-D que/C o/D Grande/ADJ-G VIEIRA/NPR fosse/SR-SD o/D Escritor/NPR desta/P+D-F memória/N ,/, e/CONJ elogio/ N ./.. (Barros)

Esta marcação possibilita a busca automática de palavras e seqüências no texto codificado, permitindo ao pesquisador a possibilidade de trabalhar com um grande número de dados e sua rápida recuperação. A busca é feita através de comandos que contem uma expressão regular (*er*) indicando qual objeto deve ser recuperado e então copiado do texto para um arquivo de saída. Para escrever a *er* precisamos prever as etiquetas que marcam o tipo de dado que queremos buscar. Assim, para buscar dados de ênclise nas infinitivas introduzidas pela preposição *para*, criamos a *er* `((para|pera)/P [^\v*]V(VB|SR|TR|HV|ET)\+(CL|SE)/)`, que se traduz: *para* ou *pera* seguidos de verbo + clítico. Aplicando a *er* em um comando de busca, copiamos os dados requeridos de um arquivo de entrada (o texto no qual os dados são buscados) para um arquivo de saída.

Foram feitas duas buscas para a extração dos dados desta pesquisa. Realizamos a primeira delas através da ferramenta de busca *preposition*, onde foram especificadas 13 *ers* que geravam 13 arquivos de saída distintos. Foram elas:

- a) Dados de: preposição *a* + se + clítico + verbo
- b) Dados de: preposição *a* + clítico + verbo
- c) Dados de: preposição *de* + se + clítico + verbo
- d) Dados de: preposição *de* + clítico + verbo
- e) Dados de: preposição *para* + se + clítico + verbo
- f) Dados de: preposição *para* + clítico + verbo
- g) Dados de: (preposição + clítico) + verbo
- h) Dados de: preposição *a* + verbo + clítico

- i) Dados de: preposição *de* + verbo + clítico
- j) Dados de: preposição *para* + verbo + clítico
- k) Dados de: qualquer preposição diferente de *a, para* e *de* + *se* + clítico + verbo
- l) Dados de: qualquer preposição diferente de *a, para* e *de* + clítico + verbo
- m) Dados de: qualquer preposição diferente de *a, para* e *de* + verbo + clítico

Esses dados nos permitiram estudar o comportamento dos clíticos nas infinitivas preposicionadas, e os arquivos gerados, por já separarem ênclises e próclises em arquivos diferentes para cada uma das preposições, possibilitaram uma análise mais rápida e precisa das informações.

A segunda busca foi feita através da ferramenta *getprepositionnp*, construída com a finalidade de colher dados de “preposição + SN + clítico + verbo” ou de “preposição + SN + verbo + clítico”. Para tal, trabalhamos nas expressões que pudessem configurar esse tipo de dado, chegando a um total de 30 *ers* que identificam contextos de:

- 1) preposição + nome/pronome + clítico + verbo
Ex: para João/ele lhe dar
- 2) preposição + nome/pronome + verbo + clítico
Ex: para João/ele dar-lhe
- 3) preposição + determinante + nome + clítico + verbo
Ex: para o homem lhe dar
- 4) preposição + determinante + nome + verbo + clítico
Ex: para o homem dar-lhe
- 5) preposição + quantificador + nome + clítico + verbo
Ex: para nenhum homem lhe dar
- 6) preposição + quantificador + nome + verbo + clítico
Ex: para nenhum homem dar-lhe
- 7) preposição + determinante + adjetivo + nome + clítico + verbo
Ex: para o grande homem lhe dar
- 8) preposição + determinante + adjetivo + nome + verbo + clítico

Ex: *para o grande homem dar-lhe*

9) preposição + determinante + nome + adjetivo + clítico + verbo

Ex: *para o homem amável lhe dar*

10) preposição + determinante + nome + adjetivo + verbo + clítico

Ex: *para o homem amável dar-lhe*

11) preposição + nome + quantificador + clítico + verbo

Ex: *para homem algum lhe dar*

12) preposição + nome + quantificador + verbo + clítico

Ex: *para homem algum dar-lhe*

13) preposição + quantificador + (preposição + determinante) + nome + verbo + clítico

Ex: *para algumas das pessoas darem-lhe*

14) preposição + quantificador + (preposição + determinante) + nome + clítico + verbo

Ex: *para algumas das pessoas lhe darem*

15) preposição + determinante indefinido + nome + quantificador genérico + clítico + verbo

Ex: *para um homem qualquer lhe dar*

16) preposição + determinante indefinido + nome + quantificador genérico + verbo + clítico

Ex: *para um homem qualquer dar-lhe*

17) preposição + outro + verbo + clítico

Ex: *para outro dar-lhe*

18) preposição + outro + clítico + verbo

Ex: *para outro lhe dar*

19) preposição + demonstrativo + verbo + clítico

Ex: *para este dar-lhe*

20) preposição + demonstrativo + clítico + verbo

Ex: *para este lhe dar*

21) preposição + [determinante]* + [possessivo] + nome + [(preposição + pronome)]
verbo + clítico

□ As expressões entre colchetes podem ou não ocorrer no contexto especificado.

Ex: *para [o] [meu] amigo dar-lhe*
para[o] amigo [dela] dar-lhe

22) preposição + [determinante] + [possessivo] + nome + [(preposição + pronome)] + clítico + verbo

Ex: *para [o] [meu] amigo dar-lhe*
para[o] amigo [dela] dar-lhe

23) preposição + [determinante] + adjetivo exclamativo ou comparativo + [nome] + verbo + clítico

Ex: *para [um] tal homem dar-lhe*

24) preposição + [determinante] + adjetivo exclamativo ou comparativo + [nome] + clítico + verbo

Ex: *para [um] tal homem lhe dar*

25) preposição + [determinante] + [nome] + adjetivo superlativo + [nome] + verbo + clítico

Ex: *para [um] [homem] miserabilíssimo dar-lhe*
para [um] miserabilíssimo [homem] dar-lhe

26) preposição + [determinante] + [nome] + adjetivo superlativo + [nome] + clítico + verbo

Ex: *para [um] [homem] miserabilíssimo lhe dar*
para [um] miserabilíssimo [homem] lhe dar

27) preposição + [determinante] + nome + particípio passado + verbo + clítico

Ex: *para o homem casado dar-lhe*

28) preposição + [determinante] + nome + particípio passado + clítico + verbo

Ex: *para o homem casado lhe dar*

29) preposição + numeral + [nome] + verbo + clítico

Ex: *para dois [homens] darem-lhe*

30) preposição + numeral + [nome] + clítico + verbo

Ex: *para dois [homens] lhe darem*

Nosso objetivo, ao fazer essa segunda busca através da ferramenta *getprepositionnp*, foi o de incluir também esses dados na classificação e organização das infinitivas preposicionadas do corpus *Tycho Brahe*, não os utilizando, entretanto, para o estudo do comportamento dos clíticos no Português Clássico, visto que a quantidade de dados esperados era pequena em contexto de oração infinitiva com sujeito especificado.

2. Organização dos dados das infinitivas preposicionadas do corpus *Tycho Brahe*

Dos resultados das duas buscas descritas acima, descartamos aqueles em que a preposição faz parte de locuções preposicionais, como em (1):

- (1) Neste pesar e mágoa estava continuamente cavando, em vez de o ter de seus pecados, dos quais nunca pôde reduzi-lo a confessar-se. (M. Bernardes, n. 1644)⁴

Os dados restantes somaram um total de 3.098 ocorrências de infinitivas introduzidas por preposição, e podem ser encontrados nos 23 textos listados abaixo e que compuseram o corpus dessa pesquisa:

01. HOLANDA, Francisco de. (1517-1584) *Da Pintura Antiga* (introdução e notas de Angel Gonzáles Garcia). Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

02. COUTO, Diogo do. (1542-1606) *Décadas* (seleção, prefácio e notas de António Baião). Vol 1. Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1947.

03. SOUSA, Frei Luís de. (1556-1632) *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires* (introdução de Aníbal Pinto de Castro; fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro). Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

⁴ Os exemplos do *Corpus Tycho Brahe* são identificados aqui pelo nome do autor, seguido pela data de nascimento)

04. LOBO, Francisco Rodrigues. (1579-1621) *Côrte Na Aldeia e Noites De Inverno* (prefácio e notas por A. Lopes Vieira). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1907.
05. COSTA, Manuel da. (1601-1667) *Arte de Furtar* (seleção, introdução e notas de Roger Bismut). Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991.
06. VIEIRA, António. (1608-1697) *Cartas do Padre António Vieira*. (coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo). Tomo I. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925.
07. VIEIRA, António. (1608-1697) *Sermões* (prefaciado e revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves). Porto, Livraria Chardron - Lello & Irmão Editores, 1907.
08. MELO, D. Francisco Manuel de. (1608-1666) *Cartas Familiares* (seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942.
09. CHAGAS, António das. (1631-1682) *Cartas Espirituais* (seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1939.
10. BERNARDES, Manuel. (1644-1710) *Nova Floresta* (preâmbulo de J. Pereira de Sampaio). Volume I. Porto, Livraria Lello & Irmão, 1949.
11. BROCHADO, José da Cunha. (1651-1735) *Cartas*. (selecção, prefácio e notas de António Álvaro Dória). Lisboa, Editora Livraria Sá da Costa, 1944.
12. Maria do Céu. (1658-1753) *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Venerável Madre Elenna da Crus* (transcrição do Códice 87 da Biblioteca Nacional precedida de um estudo histórico, por Filomena Belo). Quimera. Lisboa, 1993.

13. BARROS, André de. (1675-1754) *Vida do Apostolico Padre António Vieira*. Officina Sylviana. Lisboa. 1746.
14. CONTADOR DE ARGOTE, Dom Jeronymo. *Regras da Lingua portugueza, espelho da lingua latina (1676-1749)* 2a. Imp. – Lisboa Occidental: Off. da Musica, 1725.
15. GUSMÃO, Alexandre de. *Cartas*. (n. 1695) (introdução e actualização de texto por André Rocha). Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
16. CAVALEIRO DE OLIVEIRA (Francisco Xavier de Oliveira). (1702-1783) *Cartas* (selecção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro). Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1982.
17. AIRES, Matias. (1705-1763) *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens e Carta sobre a Fortuna* (selecção, prefácio e notas por Jacinto do Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo). Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 1980.
18. Verney, Luís António. (1713-1792) *Verdadeiro Método de Estudar* (ed. António Salgado Filho). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1949.
19. COSTA, António da. *Cartas do Abade António da Costa* (introdução e notas de Fernando Lopes Graça). (1714-?) Lisboa, Cadernos da Seara Nova, 1946.
20. GARÇÃO, Correia. (1724-1772) *Obras Completas* (texto fixado, prefácio e notas por António José Saraiva). Volume II, Prosas e Teatro. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1982.
21. ALORNA, Marquesa de. (150-1839) *Inéditos - Cartas e Outros Escritos*. (selecção, prefácio e notas do prof. Hernâni Cidade). Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1941

22. Almeida Garrett. (1799-1854) *Viagens na Minha Terra* (electronic edition - CD-ROM - Biblioteca Virtual de Autores Portugueses). Lisboa, Imprensa Nacional - Biblioteca Nacional, 1998.

23. ORTIGÃO, Ramalho. (1836-1915) *Cartas a Emília*. (Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini). Lisboa, Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional, 1993.

A organização das infinitivas preposicionadas que havíamos proposto abarca, portanto, esses 3.098 dados provenientes das duas buscas feitas⁵. Para classificá-los, levamos em conta os aspectos interessantes à presente pesquisa (fatores extralingüísticos, posição do clítico e tipo de conectivo), além de contemplar algumas características que possam ser interessantes a análises posteriores (tipo de clítico, modo verbal, tipo de oração infinitiva, posição e tipo de sujeito). Sendo assim, os critérios de classificação, que procuraremos explicar mais detalhadamente abaixo, foram:

- (i) fatores extralingüísticos: autor, data e tipo de texto;
- (ii) tipo de clítico
- (iii) modo verbal: infinitivo flexionado e não flexionado;
- (iv) posição do clítico: ênclise e próclise;
- (v) tipo de conectivo: as preposições *a, de, para, sem, em, com, por* e *até*;
- (vi) tipo de oração infinitiva: completiva verbal, completiva nominal, completiva adjetival, relativas, e as adverbiais;
- (vii) tipo de sujeito: sujeito nominal, sujeito pronominal, e sujeito nulo;
- (viii) posição do sujeito: sujeito anteposto e sujeito posposto.

2.1. Fatores extralingüísticos

⁵ A classificação dos dados segue em anexo (Anexo 1).

Os textos do corpus Tycho Brahe são classificados quanto ao autor, ao estilo e ao período em que foram escritos. Procuramos manter esses padrões, classificando os dados das

infinitivas preposicionadas de acordo com as tabelas

Coluna N: Texto
a: João de Barros (1497)
b: D. João II (1502)
c: Fernão Mendes Pinto (1510)
d: Francisco de Holanda (1517)
e: Diogo do Couto (1542)
f: Luis de Souza (1556)
g: Bernardo de Brito (1569)
h: F. Rodrigues Lobo (1579)
i: Manuel Severim de Faria (1583)
j: Antonio Brandão (1584)
k: Manuel Pires de Almeida (1597)
l: Manuel de Galhegos (1597)
m: Manuel da Costa (1601)
n: Antonio Vieira (1608) cartas
o: Antonio Vieira (1608) sermões
p: Antonio Vieira (1608) História do futuro
q: F. Manuel de Melo (1608) cartas
r: F. Manuel de Melo (1608) Tácito
s: Antonio das Chagas (1631)
t: Manuel Bernardes (1644)
u: J. Cunha Brochado (1651)
v: Maria do Céu (1658)
w: André de Barros (1675)
x: Jerônimo Contador de Argote (1676)
y: Alexandre Gusmão (1695)
z: Cavaleiro de Oliveira (1702) cartas
A: Matias Aires (1705)
B: Verney (1713)
C: Antonio da Costa (1714)

D: Diogo Inácio de Pina Manique (1733)
F: Marquesa de Alorna (1750)
G: José Daniel Rodrigues da Costa (1757)
H: Almeida Garret (1799) Viagens
I: Almeida Garret (1799) cartas
J: Almeida Garret (1799) teatro
K: Marques de Fronteira e Alorna (1802)
L: Camilo Castelo Branco (1825)
M: Camilo Castelo Branco (1825)
N: Ramalho Ortigão (1836)
O: Eça de Queirós (1845)
P: Oliveira Martins (1845)

abaixo:

2.2. Tipo de clítico

Também julgamos conveniente diferenciar as orações de acordo com o tipo de clítico que apresentavam. Deste modo, será possível observar posteriormente as peculiaridades que possam existir entre o tipo de clítico e o seu comportamento proclítico ou enclítico, por exemplo.

Coluna I: Tipo de Clítico
M: me
t: te
O: o(s)
a: a(s)
N: nos
V: vos
l: lhe(s)
s: se
S: se + lhe
M: me + o, a
T: te + o, a
L: lhe +o, a

Optamos, portanto, pela seguinte classificação:

2.3. Modo verbal

Caso uma diferenciação entre as infinitivas flexionadas e não flexionadas venha, futuramente, a se mostrar interessante ao estudo das orações infinitivas introduzidas por preposição, fizemos essa distinção na organização dos dados, classificando-os como:

Coluna H: Modo Verbal
N: Infinitivo não-flexionado
P: Infinitivo flexionado

2.4. Posição do clítico

A posição do clítico, se enclítica ou proclítica, tem sido considerada um fator importante nos estudos diacrônicos, sendo foco de inúmeros trabalhos. Desse modo, e considerando a importância desse fator para o presente trabalho, decidimos contemplá-lo na classificação dos dados da pesquisa da seguinte maneira:

Coluna G: Posição do Clítico
p: próclise
e: ênclise

2.5. Tipo de conectivo

Encontramos, nos dados utilizados para essa pesquisa, o uso de cinco preposições diferentes como introdutoras de orações infinitivas. Classificá-las separadamente possibilitou estudar a mudança ocorrida entre o tipo de preposição e a colocação de clíticos em um período que vai do século XVI ao século XX, como mostraremos mais adiante. Distinguir as preposições também poderá ser útil a futuras pesquisas que se dediquem, por exemplo, ao estudo da relação entre o tipo de preposição e de oração introduzida, e às possíveis mudanças dessa relação ao longo do período que o corpus abrange. Dessa forma, classificamos os tipos de conectivos como especificado na tabela que segue:

Coluna F: Tipo de conectivo
D: preposição <i>de</i>
Y: preposição <i>a</i>
r: preposição <i>para</i>
R: preposição <i>por</i>
e: preposição <i>em</i>
z: preposição <i>sem</i>
t: preposição <i>até</i>
c: preposição <i>com</i>

2.6. Tipo de Oração

O tipo de infinitiva, apesar de não estar entre um dos fatores estudados neste trabalho, pode vir a ser bastante interessante a pesquisas futuras. Considerando a possibilidade de pesquisas que se interessem, como mencionamos acima, pela relação entre tipo de conectivo e

oração introduzida, por exemplo, torna-se necessário adotar algum critério para a classificação das orações infinitivas preposicionadas. Pensando assim, classificamos as orações seguindo em parte os fatores propostos em Cavalcante (2006) para a classificação das infinitivas do corpus Tycho Brahe, com base na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus et al. (1989, 2003). Entretanto, algumas modificações foram feitas para tratar mais adequadamente as infinitivas introduzidas por preposição, como, por exemplo, a inclusão da categoria “oração infinitiva selecionada por verbos auxiliares” dentre as completivas verbais. Os fatores adotados serão explicados mais detalhadamente abaixo.

2.6.1. Orações completivas

Mateus et al. (2003) definem como sentenças completivas as subordinadas que ocupam a posição de argumento de um dos núcleos lexicais da sentença matriz. Desse modo, temos três tipos de completivas:

- Completivas verbais: onde a infinitiva é selecionada por um verbo;
- Completivas nominais: nas quais é um nome que seleciona a oração infinitiva;
- Completivas adjetivais: onde a seleção é feita por um adjetivo.

2.6.1.1. Completivas verbais

Cavalcante (2006) aponta, como proposto por Mateus et al. (1989), dois grandes grupos de complementação verbal: a complementação em NP sujeito, onde a completiva é imediatamente dominada por IP, encontrando-se na posição de sujeito; a complementação em VP, na qual a completiva está na posição de objeto, sendo dominada por SV.

a) Completiva Sujeito

São classificadas desta maneira as completivas que ocupam a posição de sujeito, constituindo o argumento externo do verbo (independente de o verbo selecionar ou não argumento interno). Podem ocupar tanto a posição pós-verbal quanto a pré-verbal, como exemplificado em Mateus et al. (1989, p. 266):

(2) Surpreendeu os críticos que o filme tivesse ganho o festival

(3) Que o filme tivesse ganho o festival surpreendeu os críticos

Além do verbo *surpreender*, as autoras listam outros verbos que possuem uso factivo e podem se comportar da mesma maneira, como *aborrecer*, *desagradar*, *entristecer*, *ofender*, etc.

b) Completiva Objeto

Segundo Mateus et al. (1989), quando a oração é complemento de verbo, temos dois tipos de construção:

- (i) aquelas em que o verbo não seleciona argumento externo e o sujeito da oração matriz é uma categoria vazia;
- (ii) aquelas em que o sujeito da matriz satisfaz a posição de argumento externo do verbo matriz.

No caso de construções de complementação como em (i), temos as orações de verbos inacusativos, exemplificados em Mateus et al. (1989, p. 269) pelo verbo *acontecer*:

(4) Acontece que os miúdos trabalham à tarde

Na gramática tradicional, (2) seria classificada como subjetiva. Mateus et al. (1989) argumentam, porém, que há uma categoria vazia na posição de sujeito, que seria um expletivo nulo:

(5) *cv* Acontece que os miúdos trabalham à tarde

Como demonstrado por Mateus et al. (1989, p. 269), se (4) fosse subjetiva, como sugere a gramática tradicional, (6) deveria ser perfeitamente aceitável:

(6) * Que os miúdos trabalham à tarde acontece

Nas completivas em que o verbo possui sujeito argumental, Mateus et al. também reconhecem dois grupos distintos: aqueles que constituiriam o objeto direto do verbo principal, e aqueles que constituiriam seu objeto indireto.

Embora tenhamos trabalhado com infinitivas preposicionadas, não é possível afirmar que todos os dados da pesquisa configurem casos de objeto indireto. Vejamos o caso do verbo *ensinar*, por exemplo:

(7) Minha avó me ensinou **a pentear-lhe os cabelos**

(8) Minha professora me ensinou **matemática**

Em (7) temos um complemento oracional introduzido por uma preposição e selecionado pelo verbo ensinar. No entanto, em (8), o argumento não oracional – selecionado pelo mesmo verbo – prescinde de preposição. Nos parece mais adequado, deste modo, classificar os dois complementos como complemento direto de um verbo de atividade mental (como sugerem Mateus et al.), que considerar a oração subordinada expressa em (7) como um objeto indireto.

Por fim, seguindo o que recomendam as autoras, temos casos onde:

- (i) a completiva é argumento interno do verbo superior (completivas objetivas diretas), podendo ser complementos de: (1) verbo declarativa e de atividade mental (e.g., dizer, acreditar), (2) verbo avaliativo de uso factivo (e.g., lamentar), (3) verbo volitivo e optativo (e.g., desejar, querer), (4) verbo causativo e perceptivo (e.g., mandar, ver) e (5) verbo de inquirição (e.g., pensar, argumentar);
- (ii) a oração é um complemento preposicional do verbo superior (completivas objetivas indiretas), sendo selecionada por: (1) verbos bitransitivos (e.g., autorizar) e (2) verbos transitivos indiretos, selecionado por argumento interno preposicionado (e.g., insistir).

Ao classificar as orações completivas verbais procuramos seguir tais critérios, porém alguns dos casos descritos por Mateus et al. não puderam ser encontrados entre nossos dados. É o que acontece com as completivas sujeito, as completivas de verbos inacusativos, e os complementos diretos selecionados por verbos causativos ou perceptivos. Mantivemos, portanto, a seguinte classificação para as completivas verbais:

(9) *Complemento direto selecionado por verbo declarativo/ de atividade mental*

- (a) Donde todas as vezes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ **de os defender**, e conservar, os pódem remover, e negarlhes a obediência, como Portugal fez a ElRey Dom Filippe, depois de o admitir intruso, e violento. (M. da Costa, n. 1601)
- (b) Aleramo, que no serviço do Emperador tinha sempre à vista aquele despertador de pensamentos altos, e que, além dos que a grandeza de seu sangue lhe permetia, nos olhos de Adelásia (que êste era o nome da Princesa) ia aprendendo pouco a pouco **a lhe querer** muito, foi descobrindo esta vontade, té que foi testemunha de seus efeitos a própria causa. (F. Rodrigues Lobo, n1579)

(10) *Complemento direto selecionado por verbo avaliativo de uso factivo*

- (a) Hoje estou em peor estado que no primeiro dia que me prenderam, entrando já nos três anos de prisão; e então isto é força que lembre e que magõe, sequer aquelas poucas vezes que se conta a quem se lastima **de ouvi-lo**. (F. Manuel de Melo, n. 1608)

(11) *Complemento direto selecionado por verbo volitivo ou optativo*

- (a) Pois afirmo a Vossa Paternidade que desejei **de lhe oferecer** um desses certapácios dos meus versos, que por aí me dizem que já correm; mas nem para isto tive ânimo. (F. Manuel de Melo, n.1608)

(b) Certo que, se bem se notasse o que é a morte acêrca dos vícios, que, pela não ter por passar, podíamos desejar **de tê-la** passado. (F. Manuel de Melo, n.1608)

(12) *Complemento direto selecionado por verbo de inquirição*

- (a) Desejava fazer letrado ao senhor Dom António, seu filho (que depois foi Prior do Crato) e pediu nomeadamente a Frei Bertolameu **pera lhe ler** Teologia. (L. de Souza, n.1556)
- (b) Foi ela quem primeiro falou de mim à rainha, citando-me como o melhor e vindo em seguida pedir-me em nome dela, então princesa, **para a ir visitar**. (R. Ortigão, n.1836)

(13) *Complemento indireto selecionado por verbo bitransitivo*

- (a) E uma cousa e outra, diz Nazianzeno que é de gente nécia, porque quando Deus escolhe uma pessoa pera algum cargo, ele se obriga **a o ajudar**. (L. de Souza, n.1556)
- (b) Para evitar algum excesso, encarreguei minha irmã e meu irmão **de o adoçarem** quanto pudessem nesta matéria, mas o que me custou mais a combater foi minha Mãe, que não suportava a idéia de separar-se de mim para sempre (Marquesa D'Alorna, n.1750)

(14) *Complemento indireto selecionado por verbo transitivo indireto*

- (a) E procedendo, queixava-se com grande espírito **de se quererem** defender com título de fazerem por esta via mais venerável e respeitada a dignidade; e mostrava que era tão digna de repreensão a desculpa como a mesma culpa, e que usavam dela por não ter outra nenhuma a que pudessem arrimar-se. (L. de Souza, n.1556)
- (b) Sirvase Vossa Magestade **de o entender** assim, e de observar com seu grande entendimento até os minimos ápices desta Arte; porque das contraminas della, que taõ bem descubro, depende a conservação total de

seu Império, que Deos Nosso Senhor prospere até o fim do mundo com as felicidades, que seus venturosos principios nos prometem. (Manuel da Costa, n.1601)

Por outro lado, nos pareceu necessário acrescentar mais um critério de classificação para as completivas verbais: as orações infinitivas selecionadas por verbos auxiliares. Nesta classe, enquadrámos as orações selecionadas por verbos que expressam categorias lingüísticas de tempo, aspecto e modalidade.

Encontramos, no corpus *Tycho Brahe*, os seguintes exemplos de infinitivas introduzidas por preposição e selecionadas por verbo auxiliar:

(15) *Tempo*

(a) Hei **de mandar-te** a pasta de que se faz a receita. (R. Ortigão, n.1836)

(16) *Aspecto*

(a) Não pode M Michael deixar **de se forçar** e lançar de si fóra, neste lugar, o que é muito bem que tenha fechado por todas as partes". (F. de Holanda, n.1517)

(b) Entendeu o Arcebispo que vinham quebrantados e desgostosos e, não estando ele mais folgado, começou com brandura **a consolá-los** e consolar-se. (L. de Souza, n.1556)

(17) *Modalidade*

(a) Por vida minha, que está ele em mi tão mal empregado, como me deve de achar mal empregada algum juiz meu a mesma vida por que o juro, e que só para gastar em juramentos falsos deviam **de deixar-me**. (F. Manuel de Melo, n.1608)

2.6.1.2. Completivas nominais

Para classificar as completivas nominais, seguimos o que foi feito por Cavalcante (2006), que considerou como completivas nominais todas as infinitivas que modificam um nome, não importando se fossem adjuntos adnominais ou complementos nominais. Desse modo, (18) e (19) figurariam neste grupo.

- (19) Armado com estes, e outros despachos, que contra a tirania, e ignorância alcançou na Corte o Grande VIEIRA, chegou o tempo **de se aprestar** para a partida. (A.de Barros, n.1675)
- (19) E sendo todos iguaes e livres por natureza, houve alguns que entraram em pensamento **de se fazer** senhores dos outros por violencia, e o conseguiram. (Vieira, *Sermões*, n.1608)

2.6.1.3. Completivas adjetivais

Também para as completivas adjetivais seguimos os critérios propostos em Cavalcante (2006), dividindo as orações selecionadas por adjetivos em três grupos: as que são complemento de *necessário/possível* (pois elas são semelhantes às subjetivas selecionadas por verbos), as completivas de outros adjetivos, e a *Construção Adjetival Complexa*, destacada em Mateus et al. (2003) e a qual chamaremos, consoante Cavalcante (2006), de *Construções “Difícil de”*. Esse tipo de construção, também conhecida como *Tough Construction*, caracteriza-se pelo movimento do sujeito ou do objeto para a oração principal, o que é licenciado por alguns adjetivos, como *difícil e fácil*.

(20) *Complemento de necessário, possível*

- (a) Reconheço que seria alguma coisa dificultoso persuadir a muitos homens moços que, ainda que ensinem o Latim, não só têm pouca notícia dele, mas nem menos têm notícia do que é necessário **para o saber** o que seria fácil provar-lhe fazendo-lhe uma exacta lista dos requisitos, e perguntando-lhe se os possuíam. (Antonio Verney, n.1713)
- (b) O Conde da Ega sabe só quanto é necessário **para o fazer** digno portador destas cartas, e o seu respeitoso amor ao Príncipe põe sempre na sua mão

com segurança tudo quanto pode ser servi-lo. (Marquesa D'Alorna, n.1750)

(21) *“Difícil de”*

- (a) Aquilo, de que já se sabe a prática, e se tem o exercício, é fácil perceber-se as regras, e é dificultoso **de se perceberem** as daquilo, de que não se tem prática, e como os meninos têm a prática, e o uso da língua Portuguesa, facilmente perceberão as regras da sua Gramática, o que não pode ser na Latina, porque não tem o uso dela. (J. Contador de Argote, n.1676)
- (b) Dos dois papéis do reverendo Padre frei Francisco pude até agora ler só o dos versos, que eram merecedores **de se imprimirem** em bronze, como as imagens que descrevem. (Vieira, *Cartas*, n.1608)

(22) *complemento de outros adjetivos*

- (a) Mas ou eles estejam capazes **de o receber** ou não o lucro espiritual do pregador nunca perece. (Manuel Bernardes, n.1644)
- (b) Chegando pois a noticia, que o que estudara nas Aulas, illuminara nas virtudes, dezechosa **de consultalo**, principalmente naquella revelação do Lado de Christo, o mandou chamar; e vendo-se estes dous servos de Deos lhe communicou a dita revelação, cujo informe o deixou cheo de alegria. (Maria do Céu, n.1658)

2.6.1.4. Predicação com o verbo *Ser*

Foram consideradas, neste grupo, todas as orações infinitivas predicativas do verbo *ser*.

- (23) (...) posto em pé, lhe fez esta fala: “A coisa, de que me hoje mais vanglorio, muito Grande, e Poderoso Rei é **de se ter** visto em mim, depois que vim a êstes Reinos, a principal parte que há de ter o bom vassalo, que é lealdade, e amor a seu Rei (...) (D. do Couto, n.1542)

(24) Em segundo lugar declaro a Vossa Paternidade agora um mistério, com que folgo de secundário achar-me nesta ocupação, e vem a ser: que uma das cousas de que fujo é **de achar-me** lá no capítulo, porque não há utilidade alguma das minhas assistências, antes pode ocasionar escândalo.
(A. das Chagas, n.1631)

2.6.2. Adverbiais

Classificamos como adverbiais todas as orações adverbiais encontradas, sem dividi-las entre *adverbiais finais, comparativas, consecutivas, etc.*

(25) E, **para se começarem** logo a fazer estes navios, não quer mais que ficar com êle André Henriques, que lhos pagará em dinheiro que tenha para isso efectivo, sem intervir mercador algum, por razão do secreto que convém guardar, e por via de mercadores se rompe logo, como aconteceu neste mesmo negócio, que muito antes de chegar André Henriques era público na Bôlsa de Amsterdam.
(Vieira, *Cartas*, n.1608)

(26) O Bordallo para me fazer surpresa mandou-os tocar **sem me prevenir** e inesperadamente numa sala contigua àquela em que eu estava. (R. Ortigão, n. 1836)

2.6.3. Relativas

De acordo com Mateus et al. (2003), as orações relativas modificam uma expressão nominal antecedente, podendo ser finitas e infinitivas. No caso das infinitivas, tais orações podem ser substituídas por outras iniciadas por um pronome relativo (que, o/a qual, onde etc.).

(27) Eles têm uma faca com que cortar o queijo (cf. Mateus et al., 1989)

(28) Eles têm uma faca para cortar o queijo (cf. Mateus et al., 1989)

No corpus Tycho Brahe encontramos exemplos de relativas como os que seguem:

(29) Houve causas **para se suspenderem** (F. Manuel de Melo, n.1608)

(30) -Vós deveis buscar armas **para me matar** (disse Solino) porque das de ontem saí eu tão escalavrado que determinava fugir delas; e sei que tem Leonardo tantos livros de Armas e Gerações que, se o tirar a terreiro, havemos mister todo o Inverno para o ouvir. (F. Rodrigues Lobo, n.1579)

2.6.4. Segunda Coordenada ou Justaposta

Seguindo o que havia sido feito em Cavalcante (2006), também separamos as orações coordenadas e/ou justapostas dos outros dados no corpus.

(31) As novas da chegada do novo Governador correram logo pela cidade, que começou a arder em alvoroço, acudindo os parentes, e os amigos de um, e de outro a saberem novas, e **a os acompanhar** até o amanhecer. (D. do Couto, n.1542)

(32) Vão com esta as quitações de Dom Luís por duas vias, as quais não mandei logo a Vossa Excelência porque as letras se passaram primeiro aqui, e depois veio o dinheiro de Amsterdam, e não acabou de chegar, nem **de se entregar** todo, senão no dia em que Vossa Excelência verá da data do recibo. (Vieira, *Cartas*, n.1608)

A classificação dos tipos de oração, dado o que foi exposto acima, ficou da seguinte maneira:

Coluna J: tipo de oração
R: predicativas com o verbo <i>Ser</i>
W: orações infinitivas selecionadas por verbos auxiliares
D: complemento direto selecionado por verbo declarativo/ de atividade mental
A: complemento direto selecionado por verbo avaliativo
V: complemento direto selecionado por verbo volitivo ou optativo
Q: complemento direto selecionado por verbo de inquirição
B: complemento indireto selecionado por verbo bitransitivo

P: complemento indireto selecionado por verbo transitivo indireto
N: complemento de <i>necessário/ possível</i>
T: complemento de construção <i>difícil de</i>
M: complemento de outros adjetivos
L: completiva nominal
X: adverbiais
Y: todas as relativas

Coluna L: Posição do Sujeito
A: Sujeito anteposto
P: Sujeito posposto
/: não se aplica (caso de sujeito nulo)

2.7 Tipo e posição do sujeito

O tipo e a posição do sujeito também foram outros fatores que, embora não tenham constituído foco de atenção no nosso trabalho, decidimos classificar devido a interesses de pesquisas futuras. Deste modo, fizemos a classificações como exposto nas tabelas abaixo:

Coluna K: Tipo de Sujeito
N: Sujeito Nominal
P: Sujeito Pronominal
-: Sujeito nulo

3. O comportamento dos clíticos nas infinitivas introduzidas por preposição

Para a descrição do comportamento dos clíticos nas infinitivas preposicionadas, não consideramos os dados de preposição seguida por SN, mas apenas aqueles provenientes da busca

realizada com a ferramenta *prepositiontool*, ou seja, os dados de “preposição + clítico + verbo” ou “preposição + verbo + clítico”. Uma parte desses dados já havia sido trabalhada por Abdo (2000) ao descrever o comportamento dos clíticos nas orações infinitivas introduzidas pelas preposições *a*, *de* e *para* em onze textos de autores nascidos entre 1556 e 1836 do corpus *Tycho Brahe*. São eles os textos de Frei Luís de Souza, Francisco Rodrigues Lobo, António Vieira (cartas e sermões), Francisco Manuel de Melo, Antonio das Chagas, Matias Aires, Luís António Verney, Marquesa de Alorna, Almeida Garrett, e Ramalho Ortigão.

A presente pesquisa ampliou o trabalho de Abdo com outros 12 textos (também do corpus *Tycho Brahe*) e que preenchem principalmente o período que vai da segunda metade do século XVII até fins do século XVIII, sendo eles os textos de Francisco de Holanda, Diogo do Couto, Manuel da Costa, José da Cunha Brochado, Maria do Céu, André de Barros, Dom Jeronymo Contador de Argote, Alexandre de Gusmão, Cavaleiro de Oliveira, António da Costa, e Correia Garção.

Nosso trabalho na descrição dos clíticos das orações infinitivas preposicionadas foi, portanto:

- (i) complementar os dados relativos às infinitivas introduzidas por *a*, *de* e *para* com os novos textos do corpus;
- (ii) buscar infinitivas introduzidas por outras preposições e observar o comportamento dos clíticos também nestes ambientes.

As novas preposições introdutoras de infinitivas encontradas nos textos foram *até*, *com*, *sem*, *por* e *em*.

Em relação às infinitivas introduzidas por *a*, *de* e *para*, apesar de Abdo (2000) ter trabalhado com uma parte do corpus, a busca pelos dados foi feita em todos os 23 textos, abrangendo, destarte, tanto os textos já estudados quanto os novos. Essa busca possibilitou observar pequenas disparidades entre os números de próclises e ênclises reportados pela autora e aqueles encontrados por este trabalho. As diferenças se devem, provavelmente, às ferramentas de busca que, na época daquela pesquisa, não eram tão refinadas quanto agora. Os gráficos das descrições que seguirão foram feitos com base na nova contagem de dados, embora procuremos mostrar também os números reproduzidos em Abdo (2000) em algumas das tabelas.

2.1 Orações infinitivas introduzidas por *a*, *de* e *para*

2.1.1 Infinitivas introduzidas pela preposição *a*

	Ênclise	Próclise	Total
Holanda	7	10	17
Couto	11	21	32
Souza	15 (14)*	5	20 (19)
Lobo	1	10 (9)	11 (10)
Manuel da Costa	7	1	8
Vieira (Cartas)	10	17	27
Vieira (Sermões)	2	8 (7)	10 (9)
Melo	18 (15)	6 (7)	24 (22)
Chagas	14	0	14
Bernardes	26	2	28
Brochado	10	3	13
Maria do Céu	21	1	22
Barros	31	4	35
Argote	3	0	3
Gusmão	21	0	21
Cavaleiro	26	0	26
Aires	20	1	21
Verney	15	0	15
Antonio da Costa	20	0	20

* Os números entre parênteses correspondem àqueles reportados em ABDO (2000)

Garção	21	0	21
Alorna	30	0	30
Garrett	32 (30)	0	32 (30)
Ortigão	12	0	12

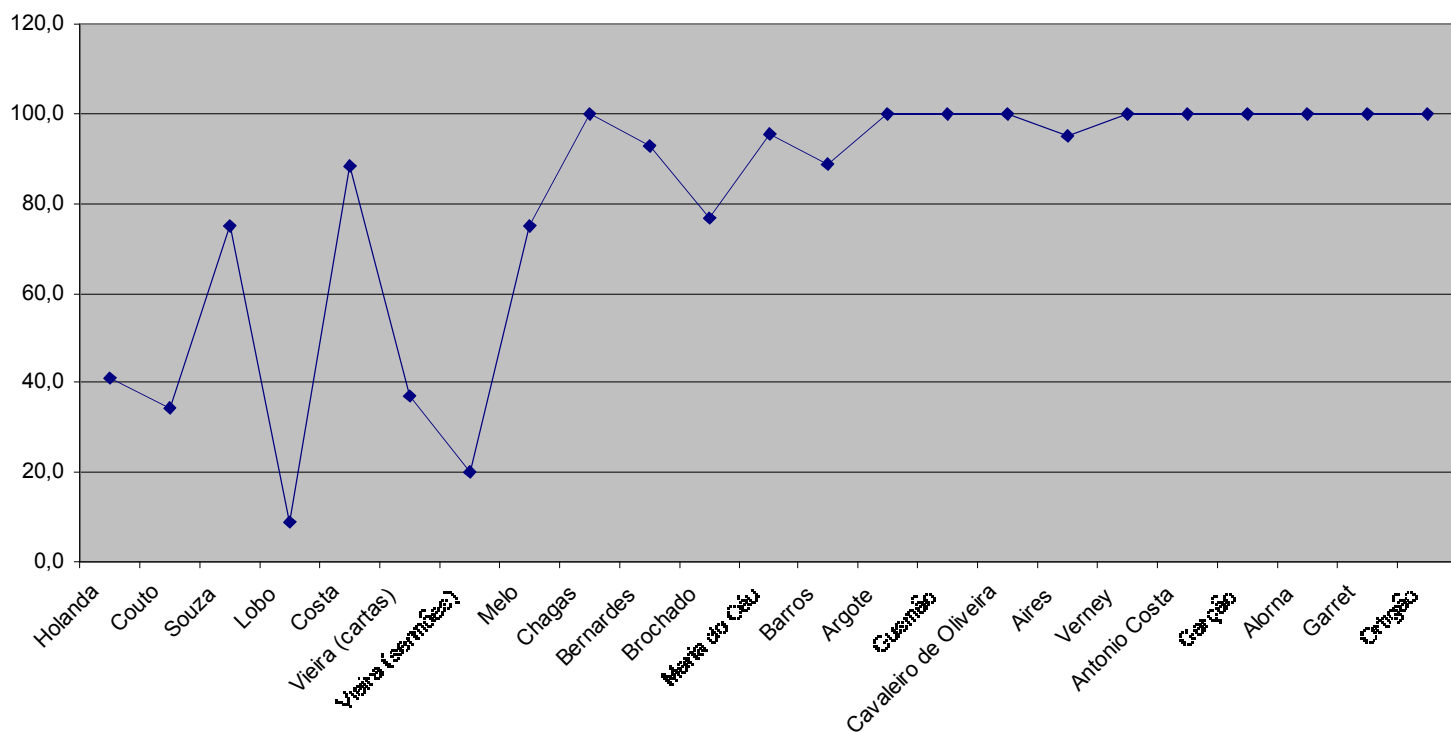
Dentre os textos estudados vemos uma manifestação proclítica, à semelhança do que ocorria no português arcaico, no de Holanda (58,8% de próclises), Couto (65,6% de próclises) e Lobo (90,9% de próclises), três autores do século XVI, início do período aqui estudado.

O texto de Souza, embora também pertença ao século XVI, apresenta uma forte tendência do uso da ênclise nas orações introduzidas pela preposição *a*, e que será retomada posteriormente por Manuel da Costa (1601-1667) e Melo (1608-1666), já no século XVII. Entre os textos desses dois autores, temos as cartas e os sermões de Vieira, os únicos documentos do século XVII a apresentar tendência proclítica, sendo que o uso de próclise é de 63,0% nas cartas e 80,0% nos sermões. A partir de então, todos os autores do corpus manifestam preferência pela forma enclítica que, atualmente, é a norma no português europeu.

Mesmo com predominância da ênclise, os textos de Souza, Costa, Melo, Bernardes, Brochado, Maria do Céu, Barros e Aires ainda apresentam variação entre ênclise e próclise, enquanto que nos textos de Chagas, Argote, Gusmão, Cavaleiro, Verney, Antonio da Costa, Garção, Alorna, Garrett e Ortigão todas as infinitivas introduzidas pela preposição *a* ocorrem num quadro puramente enclítico.

As descrições ficam mais bem visualizadas no gráfico abaixo.

Evolução no uso da ênclise nas infinitivas introduzidas pela preposição A



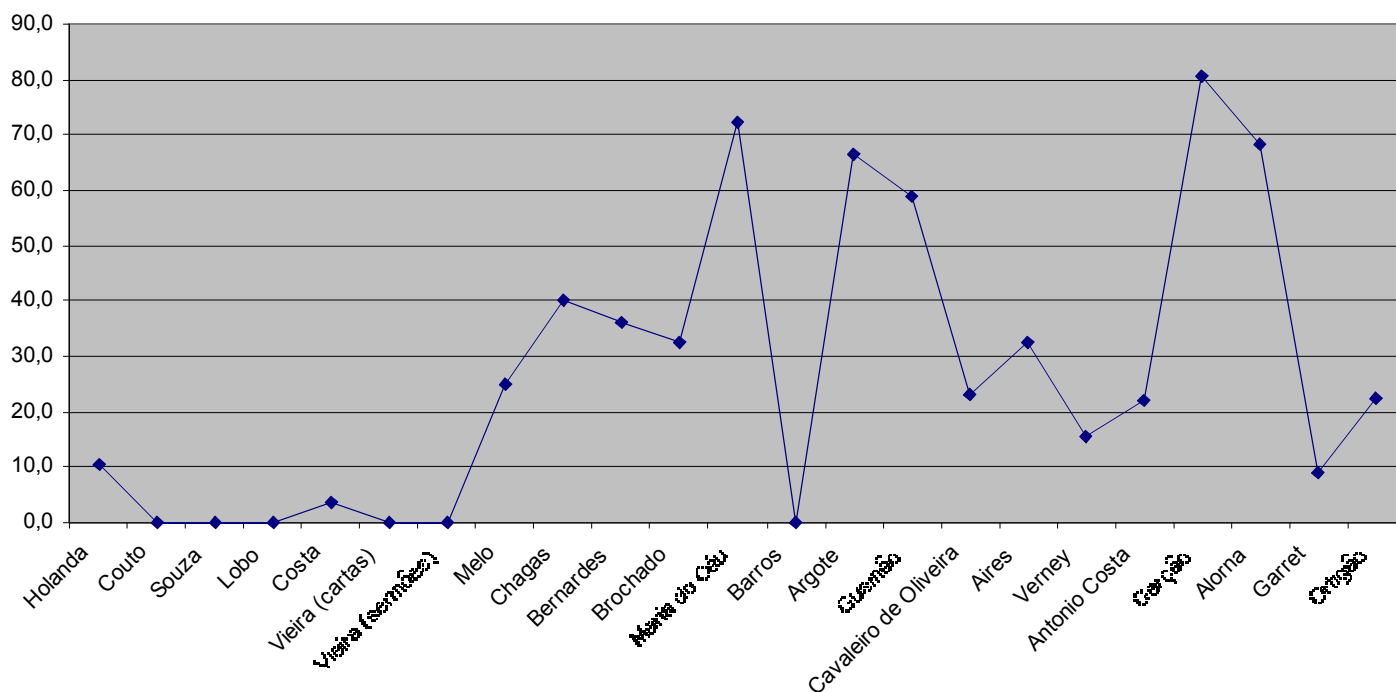
2.1.2 Infinitivas introduzidas pela preposição de

	Ênclise	Próclise	Total
Holanda	3	26	29
Couto	0	48	48
Souza	0	43 (45)	43 (45)
Lobo	0	49 (57)	49 (57)
Manuel da Costa	2	50	52
Vieira	0	63 (68)	63 (68)
(Cartas)			
Vieira	0	33 (36)	33 (36)

(Sermões)			
Melo	18	60 (72)	78 (92)
Chagas	20 (19)	30 (0)	50 (19)
Bernardes	13	22	35
Brochado	14	29	43
Maria do Céu	16	5	21
Barros	0	20	20
Argote	6	3	9
Gusmão	39	27	66
Cavaleiro	20	66	86
Aires	15	31 (34)	46 (49)
Verney	4	19 (26)	23 (30)
Antonio da Costa	11	39	50
Garção	24	6	30
Alorna	60	28	88
Garrett	3	29 (35)	32 (38)
Ortigão	7 (8)	22 (25)	29 (33)

Transportando os dados da tabela para um gráfico, temos o seguinte quadro:

Evolução no uso de ênclises nas infinitivas introduzidas pela preposição DE



No contexto das orações infinitivas introduzidas por *de*, Couto, Souza, Lobo, Vieira e Barros fazem uso da próclise categórica, como era tendência no português arcaico. Com uma porcentagem mínima de ênclises, Holanda (10,3% de ênclise) e Manuel da Costa (3,8% de ênclise) também manifestam uma preferência proclítica, embora o uso da próclise não seja exclusivo.

A partir de Melo, no século XVII, o quadro começa a variar bastante: tanto há autores categoricamente proclíticos, como Barros (1675-1754), quanto autores que fazem um uso muito maior da ênclise, como Garção (1724-1772).

Apresentam comportamento semelhante ao português europeu, com variação entre ênclise e próclise, mas com maior número de próclises os textos de Melo, Chagas, Bernardes, Brochado, Cavaleiro, Aires, Verney, Antonio da Costa, Garrett e Ortigão. Já os textos de Maria do Céu, Argote, Garção e Alorna, embora apresentem variação, são de um contexto mais enclítico que proclítico.

2.1.3 Infinitivas introduzidas pela preposição *para*

	Ênclise	Próclise	Total
Holanda	3	22	25
Couto	0	75	75
Souza	0	66 (74)	66 (74)
Lobo	1	46 (48)	47 (49)
Manuel da Costa	0	109	109
Vieira (Cartas)	0	37 (39)	37 (39)
Vieira (Sermões)	0	31	31
Melo	6 (5)	31 (37)	37 (42)
Chagas	15	34 (36)	49 (50)
Bernardes	7	31	38
Brochado	26	11	37
Maria do Céu	18	8	26
Barros	2	20	22
Argote	0	12	12
Gusmão	23	22	45
Cavaleiro	10	67	77
Aires	15	46 (49)	61 (64)
Verney	2 (1)	35 (39)	37 (40)
Antonio da Costa	25	4	29
Garção	8	10	18
Alorna	23	31 (35)	54 (58)

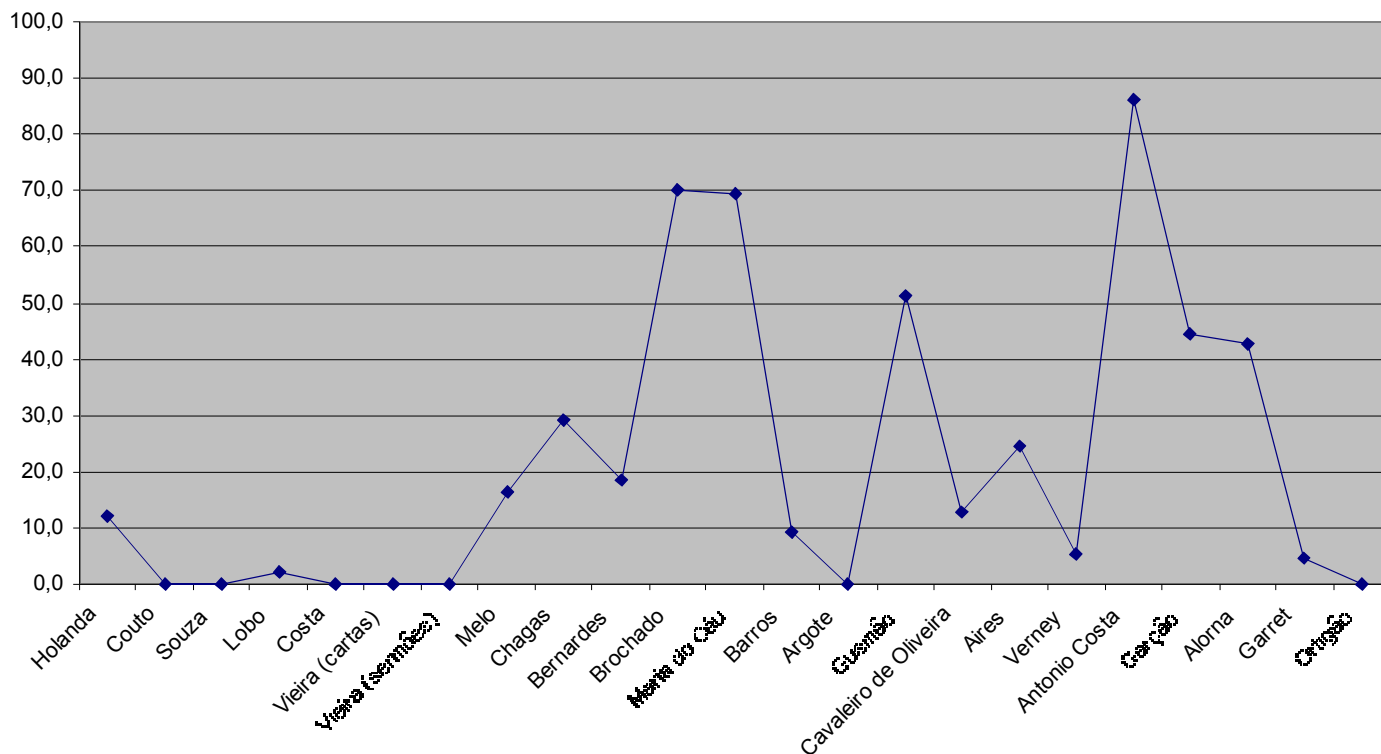
Garrett	1	30 (31)	31 (32)
Ortigão	0	18 (19)	18 (19)

Como ocorre nas infinitivas introduzidas pela preposição *de*, também neste contexto é tendência no português europeu contemporâneo, bem como o era no português arcaico, o uso da próclise em um ambiente de variação.

Os textos de Couto, Souza, Manuel da Costa, Vieira, Argote e Ortigão são essencialmente proclíticos, enquanto que os de Holanda, Lobo, Melo, Chagas, Bernardes, Barros, Gusmão, Cavaleiro, Aires, Verney, Garção, Alorna e Garrett, também proclíticos, apresentam variação entre ênclise e próclise.

Aqui, a variação a partir de um ambiente proclítico também parece começar a ocorrer com o texto de Melo, e apenas 4 textos do corpus utilizam mais ênclises que próclises neste contexto. São eles os textos de Brochado, Maria do Céu, Gusmão e Antonio da Costa.

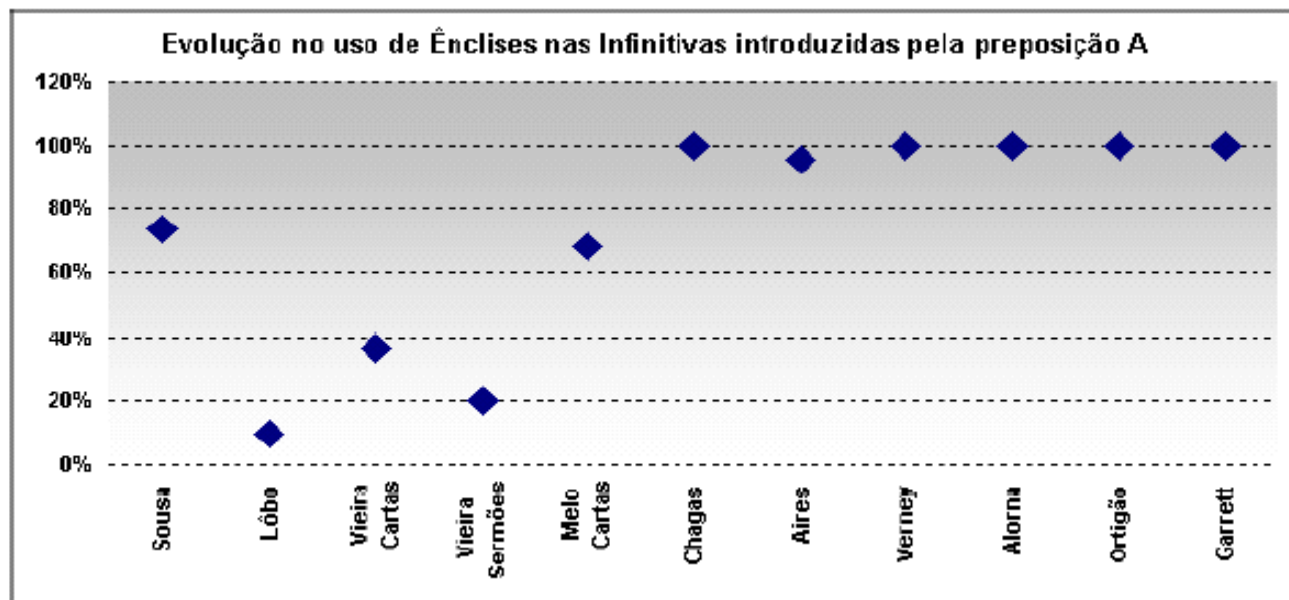
Evolução no uso das ênclises das infinitivas introduzidas pela preposição PARA

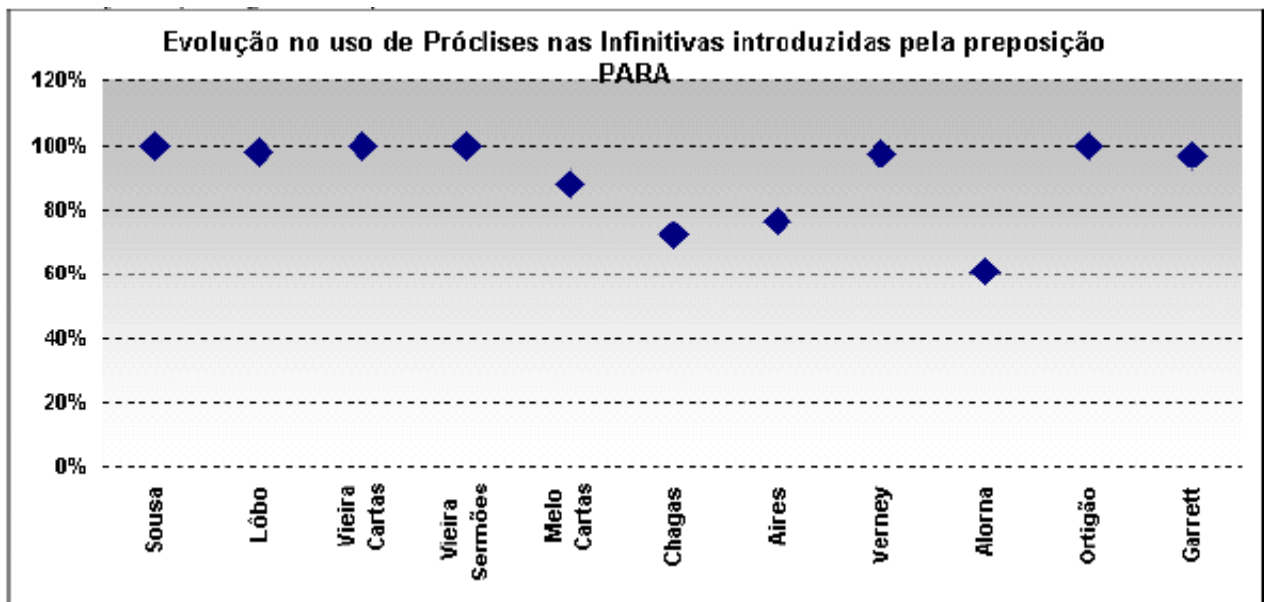
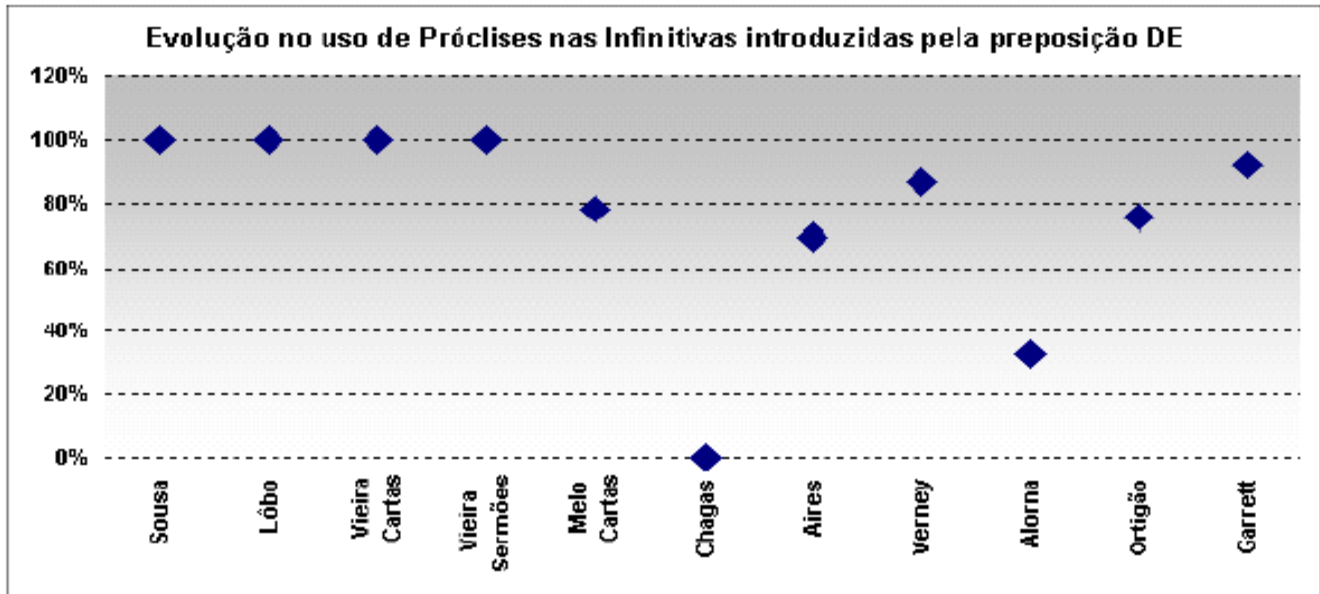


2.1.4. Dados de Abdo (2000): infinitivas introduzidas por *a*, *de* e *para*

ABDO (2000) aponta para um aumento, de forma geral, do número de ênclises em detrimento do número de próclises ao longo do período estudado no ambiente das infinitivas preposicionadas por *a*, *de* e *para*. Acompanhando os dados da autora, onde antes havia variação ênclise-próclise notamos, já na metade do século XVII, um contexto essencialmente enclítico e, onde a próclise se fazia quase obrigatória, caminhamos para a variação. O comportamento do clítico também apresenta diferença em relação ao tipo de preposição. Com a preposição *a* vemos o clítico caminhar da variação para um ambiente categoricamente enclítico, enquanto que, com as preposições *de* e *para*, acompanhamos o inverso: um ambiente que sai da próclise categórica e vai rumo à variação com pequena predominância próclítica.

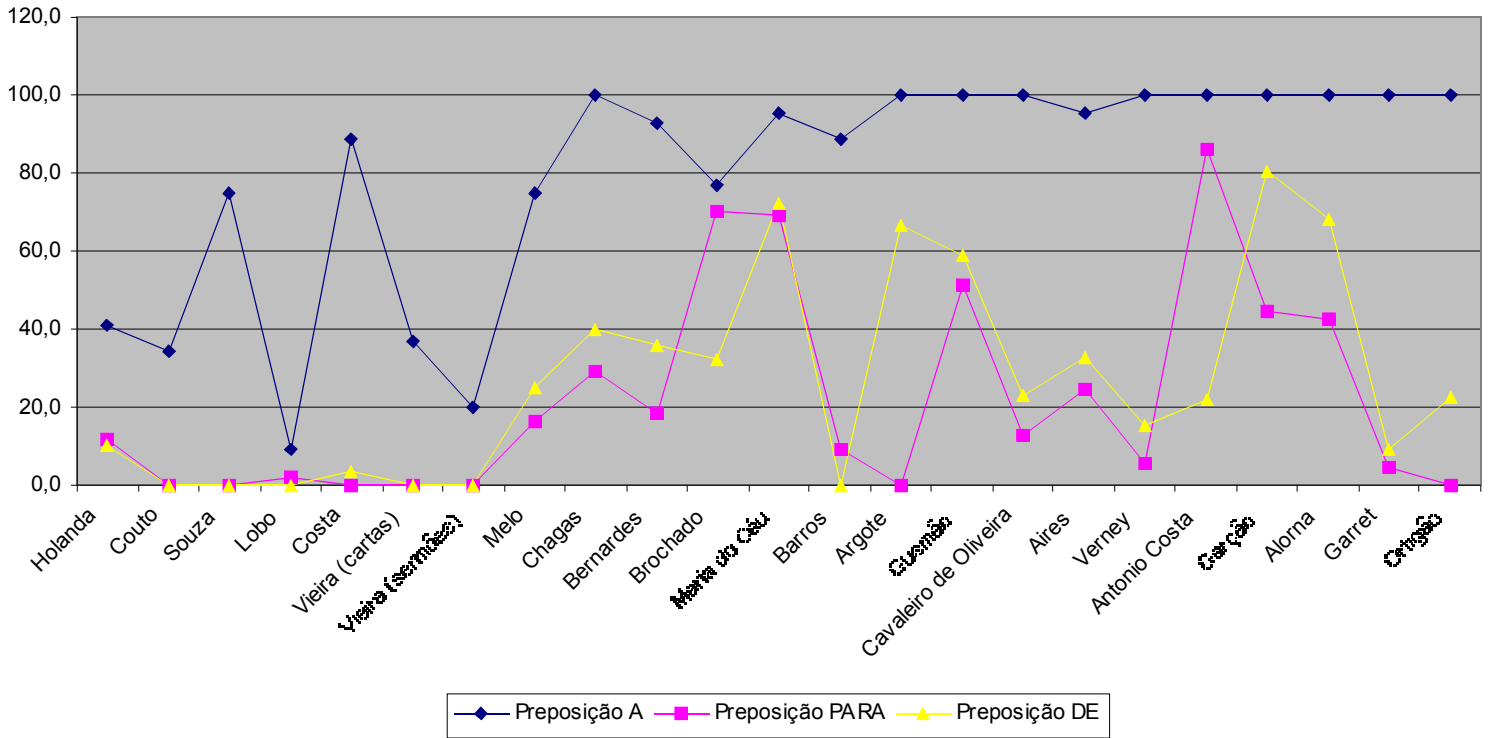
Podemos observar todas essas mudanças em três dos gráficos de ABDO que seguem.





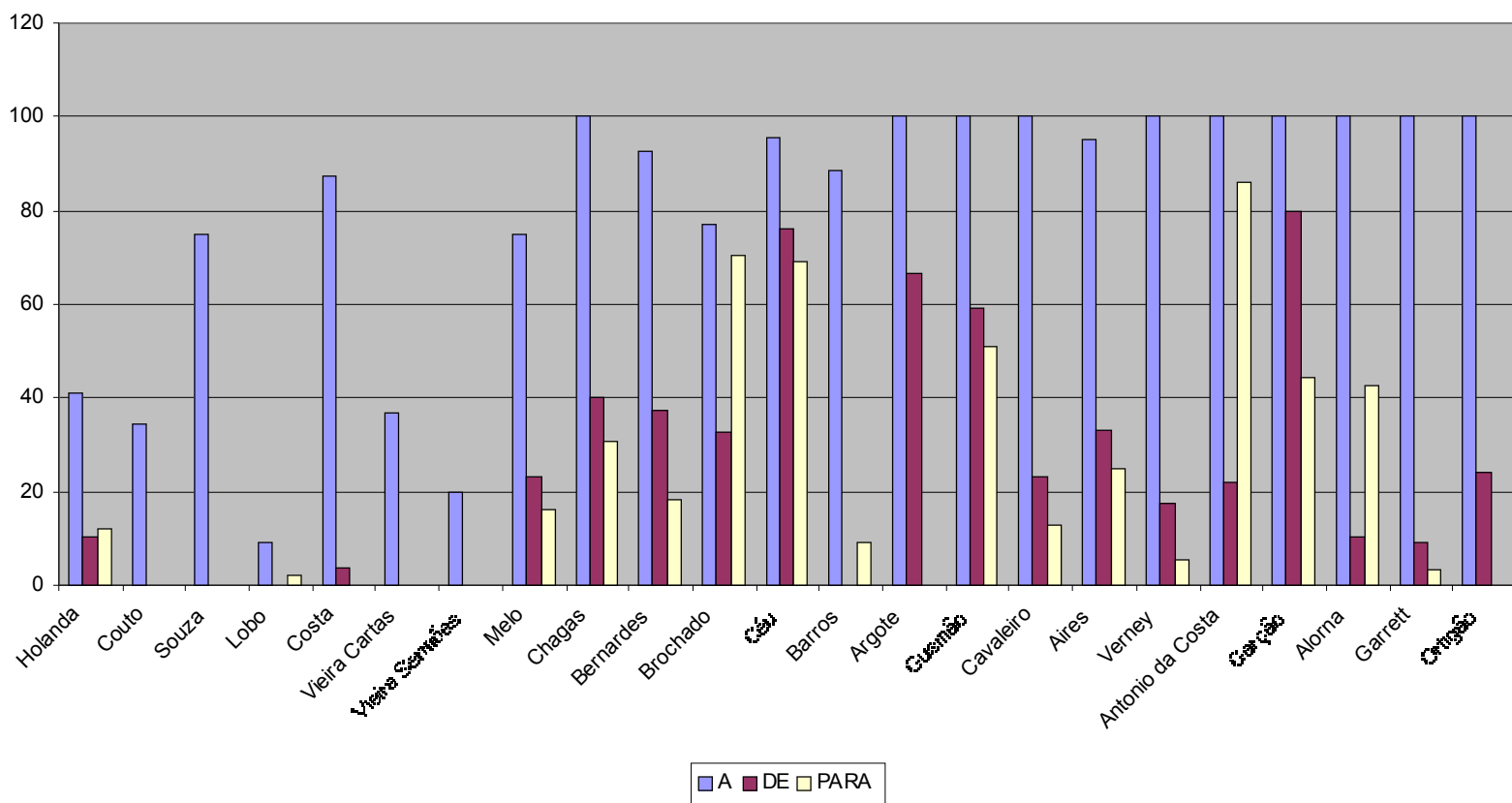
O presente trabalho, ao completar a pesquisa de Abdo com outros 12 textos do corpus *Tycho Brahe*, confirma a tendência do aumento de número de ênclises, o que pode ser observado no gráfico abaixo, que mostra a evolução da porcentagem de ênclises nas orações infinitivas introduzidas pelas preposições *a*, *de* e *para* em um período que vai de autores nascidos entre 1517 (Francisco de Holanda) e 1836 (Ramalho Ortigão).

Evolução no uso de ênclises nas infinitivas introduzidas pelas preposições A, DE e PARA



Procurando tornar mais claras as tendências proclíticas ou enclíticas dos textos, fizemos o gráfico abaixo, que evidencia, para cada autor, a porcentagem de ênclises nas infinitivas introduzidas pelas três preposições:

Porcentagem de ênclises nas infinitivas introduzidas por A, DE, e PARA



Veremos mais adiante como esses dados se relacionam com as infinitivas introduzidas pelas preposições *sem*, *em*, *com*, *por* e *até*.

2.2. As novas preposições: *sem*, *em*, *com*, *por* e *até*

2.2.1 Infinitivas introduzidas por *sem*

	Ênclise	Próclise	Total
Holanda	0	5	5

Couto	0	13	13
Souza	0	6	6
Lobo	0	8	8
Manuel da	0	22	22
Costa			
Vieira	0	3	3
(Cartas)			
Vieira	0	2	2
(Sermões)			
Melo	2	5	7
Chagas	5	14	19
Bernardes	3	3	6
Brochado	3	1	4
Maria do	5	4	9
Céu			
Barros	0	0	0
Argote	0	2	2
Gusmão	3	2	5
Cavaleiro	4	10	14
Aires	0	3	3
Verney	0	7	7
Antonio da	0	9	9
Costa			
Garção	1	8	9
Alorna	4	5	9
Garrett	0	6	6
Ortigão	0	2	0

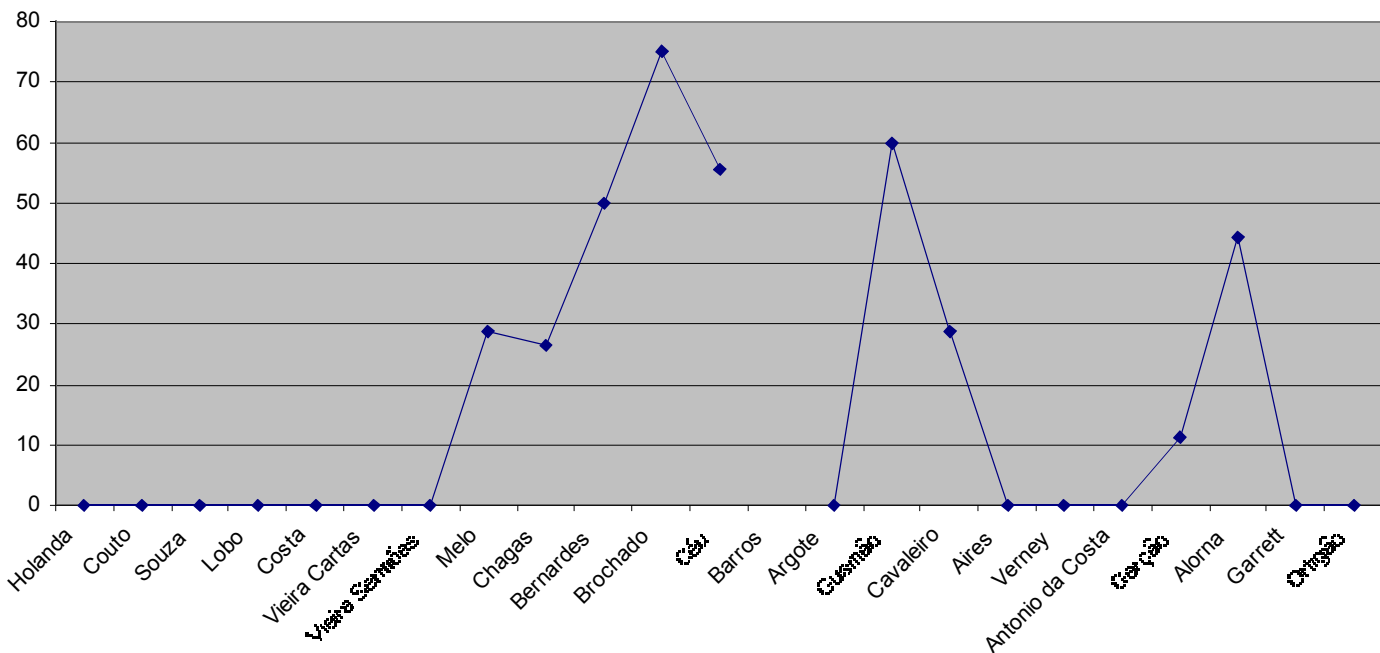
Nas infinitivas introduzidas por *sem*, podemos acompanhar um comportamento que sai da ênclise categórica (como ocorre nos textos de Holanda, Couto, Souza, Lobo, Manuel da Costa

e nas cartas e sermões de Vieira) e caminha rumo à variação, sendo o primeiro caso de ênclise nesse ambiente encontrado no texto de Melo.

A tendência nos textos posteriores ao de Melo ainda é próclítica, ainda que o uso da próclise não seja exclusivo. Apenas quatro autores (Bernardes, Brochado, Maria do Céu e Gusmão) apresentam mais ênclises que próclises. Já nos textos de Melo, Chagas, Cavaleiro, Garção, e Alorna, embora ocorra variação, a próclise se faz dominante. Argote, Aires, Verney, António da Costa, Garrett e Ortigão não apresentam nenhum caso de ênclise nas infinitivas introduzidas por *sem*, seguindo a tendência dos sete primeiros textos do corpus.

Esse comportamento é semelhante àquele apresentado pelas orações infinitivas introduzidas por *de* e *para*, e é visualizado no gráfico que segue:

Evolução no uso da ênclise nas infinitivas introduzidas pela preposição SEM



2.2.2 Infinitivas introduzidas por *em*

Ênclise

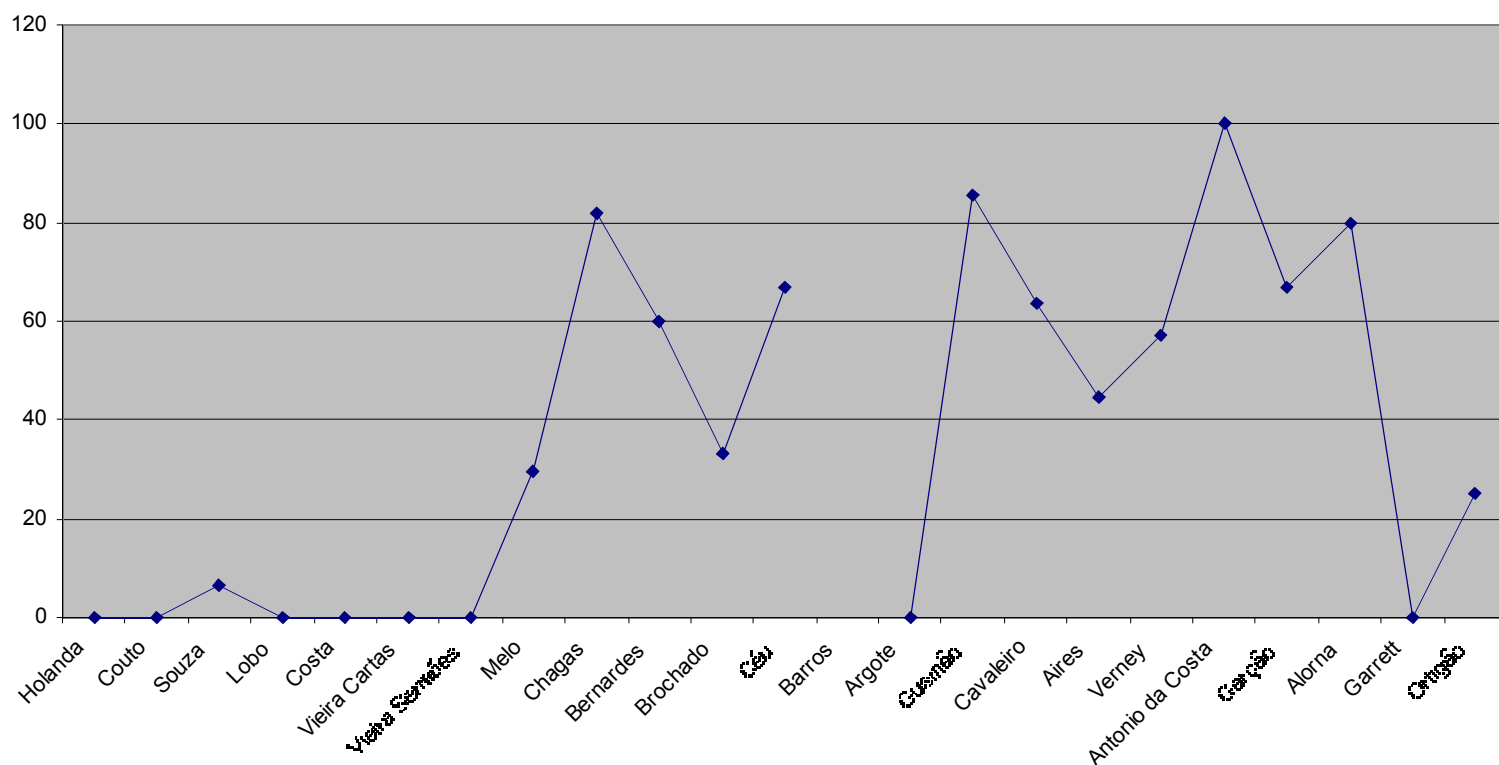
Próclise

Total

Holanda	0	6	6
Couto	0	3	3
Souza	1	15	16
Lobo	0	6	6
Manuel da	0	7	7
Costa			
Vieira	0	5	5
(Cartas)			
Vieira	0	3	3
(Sermões)			
Melo	10	24	34
Chagas	9	2	11
Bernardes	3	2	5
Brochado	1	2	3
Maria do	2	1	3
Céu			
Barros	0	0	0
Argote	0	3	3
Gusmão	6	1	7
Cavaleiro	7	4	11
Aires	8	10	18
Verney	4	3	7
Antonio da	3	0	3
Costa			
Garção	2	1	3
Alorna	8	2	10
Garrett	0	1	1
Ortigão	1	3	4

Transferindo os dados da tabela para um gráfico, temos o quadro abaixo:

Evolução no uso da ênclise nas infinitivas introduzidas pela preposição EM



À semelhança do que foi reportado com a preposição *sem*, no ambiente das infinitivas introduzidas por *em* os clíticos também partem de um contexto proclítico para a variação. Até os textos de Vieira (1608-1697), a única ocorrência de ênclise se dá no texto de Souza (1556-1632). A partir de Melo, mesmo Argote e Garrett fazem uso exclusivo da próclise, o quadro é de variação com ênfase no uso de próclise no texto de 4 autores: Melo, Brochado, Aires e Ortigão.

Apesar do comportamento semelhante às outras infinitivas vistas até agora, há uma característica que diferencia a colocação do clítico nas infinitivas introduzidas pela preposição *em*: contrariamente ao que foi visto, isto é, um predomínio da próclise nos contextos de variação, o tipo de clítico predominante aqui é a ênclise. Dos 23 autores, 9 fazem uso preferencial da ênclise (Chagas, Bernardes, Maria do Céu, Gusmão, Cavaleiro, Verney, António da Costa, Garção e Alorna). Este número é bem diferente do que ocorre com as infinitivas introduzidas

pelas preposições *de*, *para* e *sem* e, como veremos adiante, é o único caso de infinitiva preposicionada em que, no ambiente de variação, o uso preferencial é o da ênclise.

2.2.3 Infinitivas introduzidas por *com*

	Ênclise	Próclise	Total
Holanda	0	0	0
Couto	0	3	3
Souza	0	5	5
Lobo	0	1	1
Manuel da Costa	0	7	7
Vieira (Cartas)	0	3	3
Vieira (Sermões)	0	2	2
Melo	3	3	6
Chagas	0	1	1
Bernardes	1	0	1
Brochado	1	1	2
Maria do Céu	0	0	0
Barros	0	0	0
Argote	0	0	0
Gusmão	1	0	1
Cavaleiro	0	0	0
Aires	0	5	5
Verney	0	0	0
Antonio da Costa	1	0	1
Garção	0	0	0
Alorna	1	0	1

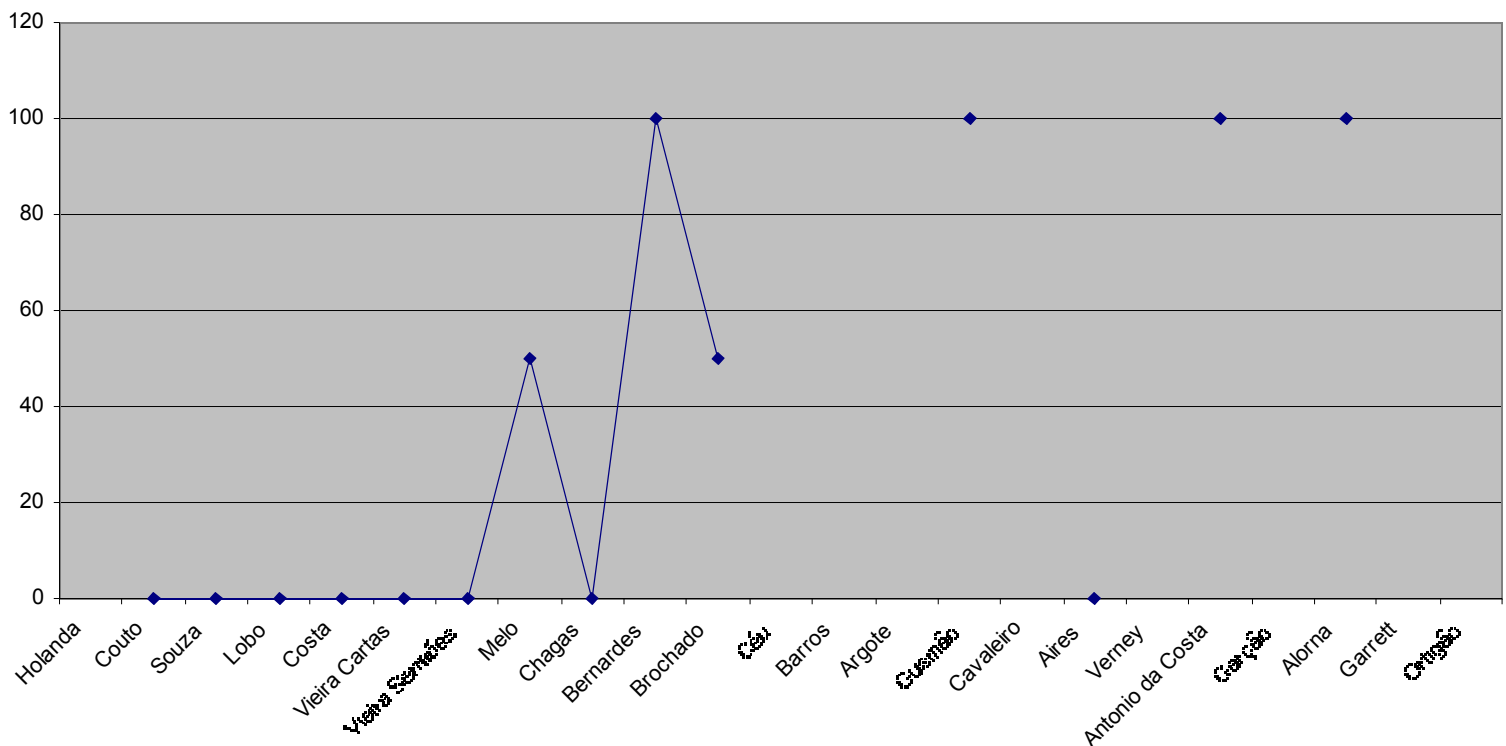
Garrett	0	0	0
Ortigão	0	0	0

As infinitivas introduzidas por *com* praticamente não ocorrem posteriormente ao texto de Brochado (1651-1735). Após este texto, só há cinco casos de próclises em Aires, e um caso de ênclise em Gusmão, em António da Costa, e em Alorna.

Podemos observar, no entanto, o uso exclusivo de próclise nos textos de Couto, Souza, Lobo, Manuel da Costa e Vieira. No texto seguinte, de Melo, ocorrem os primeiros casos de ênclises. Seguindo Melo, Chagas voltará a assumir a postura de uso exclusivo da próclise, opondo-se a Bernardes, que, logo em seguida, apresenta um quadro essencialmente enclítico. No texto de Brochado, igualmente a Melo, há 50% de uso da próclise.

Podemos acompanhar melhor esses dados no gráfico abaixo:

Evolução no uso da ênclise nas infinitivas introduzidas pela preposição COM



2.2.4 Infinitivas Introduzidas por *por*

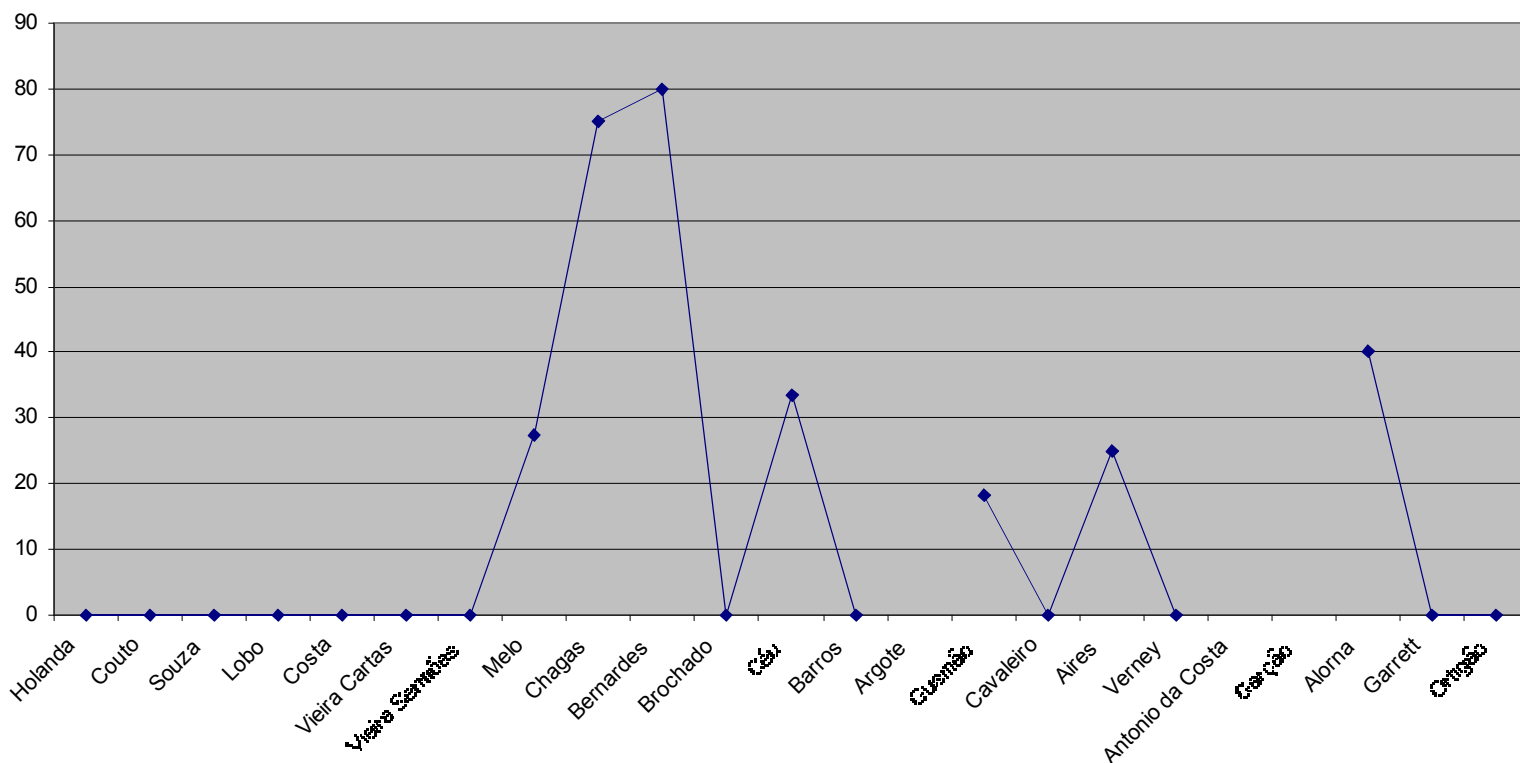
	Ênclise	Próclise	Total
Holanda	0	28	28
Couto	0	12	12
Souza	0	15	15
Lobo	0	25	25
Manuel da Costa	0	12	12
Vieira	0	8	8
(Cartas)			
Vieira	0	4	4
(Sermões)			
Melo	3	8	11
Chagas	15	5	20
Bernardes	8	2	10
Brochado	0	4	4
Maria do Céu	2	4	6
Barros	0	6	6
Argote	0	0	0
Gusmão	2	9	11
Cavaleiro	0	3	3
Aires	1	3	4
Verney	0	2	2
Antonio da Costa	0	0	0
Garção	0	0	0
Alorna	2	3	5
Garrett	0	3	3
Ortigão	0	5	5

Através dos 20 textos em que encontramos ocorrências de infinitivas introduzidas pela preposição *por*, podemos notar um quadro que vai do uso exclusivo da próclise – visto nos textos de Couto, Souza, Lobo, Costa e Vieira – para um contexto de variação entre ênclise e próclise.

O primeiro caso de ênclise é encontrado no texto e Melo, e outros casos tornam a ocorrer, ainda que seu não seja predominante, nos textos de Chagas, Bernardes, Maria do Céu, Gusmão, Aires e Alorna. Repetindo o padrão de próclise categórica dos primeiros textos do corpus, temos os textos de Brochado, Barros, Cavaleiro de Oliveira, Verney, Garrett e Ortigão.

O gráfico que segue reproduz esses dados:

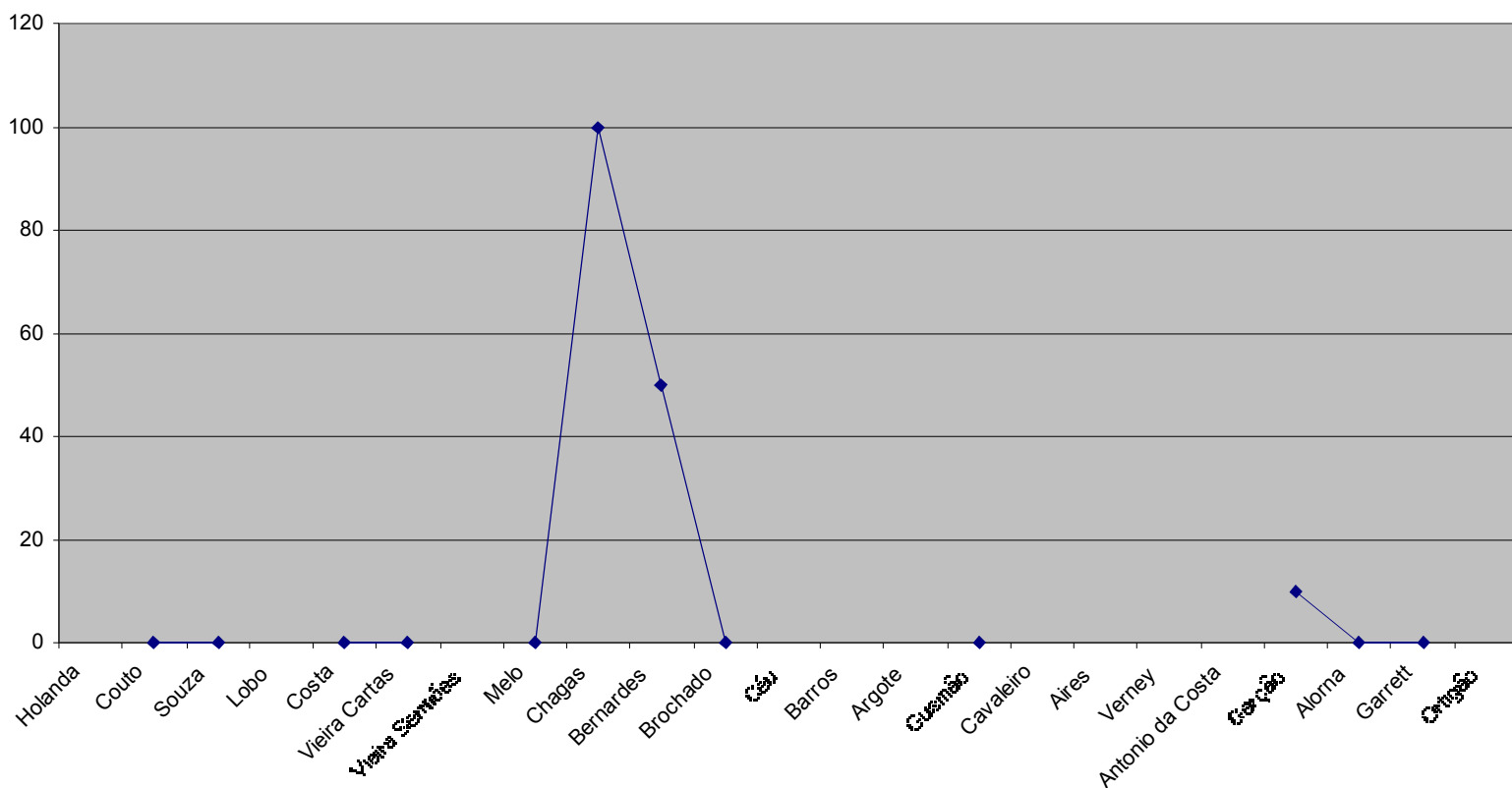
Evolução no uso da ênclise nas infinitivas introduzidas pela preposição POR



2.2.5 Infinitivas introduzidas por *até*

	Ênclise	Próclise	Total
Holanda	0	0	0
Couto	0	12	12
Souza	0	1	1
Lobo	0	0	0
Manuel da Costa	0	6	6
Vieira	0	3	3
(Cartas)			
Vieira	0	0	0
(Sermões)			
Melo	0	1	1
Chagas	1	0	1
Bernardes	1	1	2
Brochado	0	1	1
Céu	0	0	0
Barros	0	0	0
Argote	0	0	0
Gusmão	0	3	3
Cavaleiro	0	0	0
Aires	0	0	0
Verney	0	0	0
Antonio da Costa	0	0	0
Garção	1	0	1
Alorna	0	2	2
Garrett	0	2	2
Ortigão	0	0	0

Evolução no uso da ênclise nas infinitivas introduzidas pela preposição ATÉ



O comportamento do clítico neste contexto é de exclusivamente proclítico nos textos de Couto, Souza, Costa, Melo, Gusmão, Alorna e Garrett. Os casos de ênclise são apenas três dentre as 35 ocorrências de clíticos no ambiente das infinitivas introduzidas por *até*: um no texto de Chagas, um no texto de Bernardes, e um no texto de Garção. Semelhante ao que acontece com a preposição *com*, as infinitivas preposicionadas se tornam muito escassas a partir do texto de Brochado.

2.2.5. Discussão: infinitivas introduzidas por *sem*, *em*, *com*, *por* e *até*

O primeiro ponto notado ao trabalhar com as novas preposições é que nenhuma delas aparece em todos os textos usados para esta pesquisa, como acontece com as preposições *a*, *de* e *para*.

As preposições *sem* e *em* são as que mais ocorrem ao longo do período estudado introduzindo orações infinitivas, não aparecendo apenas no texto de Barros. Em segundo lugar, ocorrendo em 20 textos do corpus utilizado, está a preposição *por*, presente nos textos de Holanda, Couto, Souza, Lobo, Manuel da Costa, Vieira (cartas e sermões), Melo, Chagas, Bernardes, Brochado, Maria do Céu, Barros, Gusmão, Cavaleiro, Aires, Verney, Alorna, Garrett e Ortigão. Já a preposição *com*, aparece em 15 dos 23 textos estudados, sendo eles os textos de Couto, Souza, Lobo, Manuel da Costa, Vieira (cartas e sermões), Melo, Chagas, Bernardes, Brochado, Gusmão, Cavaleiro, Aires e Alorna. Um número ainda menor de textos apresenta ocorrência de infinitivas introduzidas por *até*. São 12 textos: Couto, Souza, Manuel da Costa, Vieira (cartas), Melo, Chagas, Bernardes, Brochado, Gusmão, Garção, Alorna e Garrett.

No caso das preposições *com* e *até*, (as preposições com os menores números de ocorrências, como veremos logo abaixo) percebemos que elas praticamente desaparecem por volta do século XVII.

Além disso, é possível observar nas tabelas expostas acima que os números absolutos de ocorrências das novas preposições diferem em muito daqueles encontrados entre as preposições já estudadas por Abdo. Enquanto os casos de ênclises e próclises nas infinitivas introduzidas pelas preposições *a*, *de* e *para* somam, respectivamente, o total de 462, 1.023 e 981 ocorrências, esses números são bem menores entre as novas preposições. São 170 casos com a preposição *sem*, 169 com a preposição *em*, 194 casos com a preposição *por*, 39 casos com a preposição *com*, e, por fim, 35 casos com a preposição *até*.

Um exemplo são as *Cartas* de António Vieira, que apresentam 27, 63 e 37 ocorrências de infinitivas introduzidas por *a*, *de* e *para* respectivamente, e 5 casos de infinitivas introduzidas por *em*, 3 introduzidas por *até*, 8 introduzidas por *por*, 3 introduzidas por *com*, e 3 introduzidas por *sem*.

O comportamento dos clíticos nas orações infinitivas preposicionadas por *sem*, *em*, *por*, *até* e *com* parece seguir um padrão semelhante ao que acontece nas infinitivas introduzidas por *de* e *para*: há mudança de um ambiente categoricamente proclítico para um ambiente de variação. Essa mudança é percebida mais claramente no caso das preposições *por*, *sem* e *em*, por causa de seu maior número de ocorrências ao longo de todo o período estudado. Entretanto, mesmo que o número de infinitivas introduzidas pelas outras duas preposições (*com* e *até*) seja

menor, praticamente desaparecendo após o texto de Brochado (1651-1735), ainda é possível observar essa mudança nos casos de ênclise que começam a aparecer apenas no século XVII.

Também é importante notar, como já apontado anteriormente, um fator que diferencia o comportamento dos clíticos nas infinitivas introduzidas pela preposição *em* dos outros contextos em que, igualmente, há uma passagem da próclise categórica para a variação. Nas preposições *de*, *para*, *sem*, *até*, *com* e *por*, essa passagem se dá sem que a próclise deixe de ser dominante. Com a preposição *em*, entretanto, isso não ocorre: após o texto de Melo temos um ambiente de variação com ênfase no uso da ênclise. É o único caso em que, em um contexto nem essencialmente enclítico e nem essencialmente proclítico, a ênclise predomina.

2.3 O comportamento dos clíticos nas orações infinitivas preposicionadas: considerações finais

Pudemos notar que o comportamento do clítico sofre alteração no ambiente das infinitivas introduzidas por preposições no período que vai do século XVI ao século XIX. Os dados conferem com as análises dos ambientes de variação descritas em outros estudos sobre a colocação dos clíticos na história do português.

Em Martins (1994) observamos que no português europeu, nos ambientes de variação onde próclise e ênclise não se fazem obrigatórias, o quadro é majoritariamente enclítico no século XIII, mas passa a ser predominantemente proclítico no século XV. Uma nova mudança se dá, conforme verificado em Martins (1994), Torre Moraes (1995) e Galves, Britto e Paixão de Souza (2005), nos séculos XVII e XVIII, quando a ênclise volta a predominar, sendo, em alguns contextos, norma no português europeu contemporâneo.

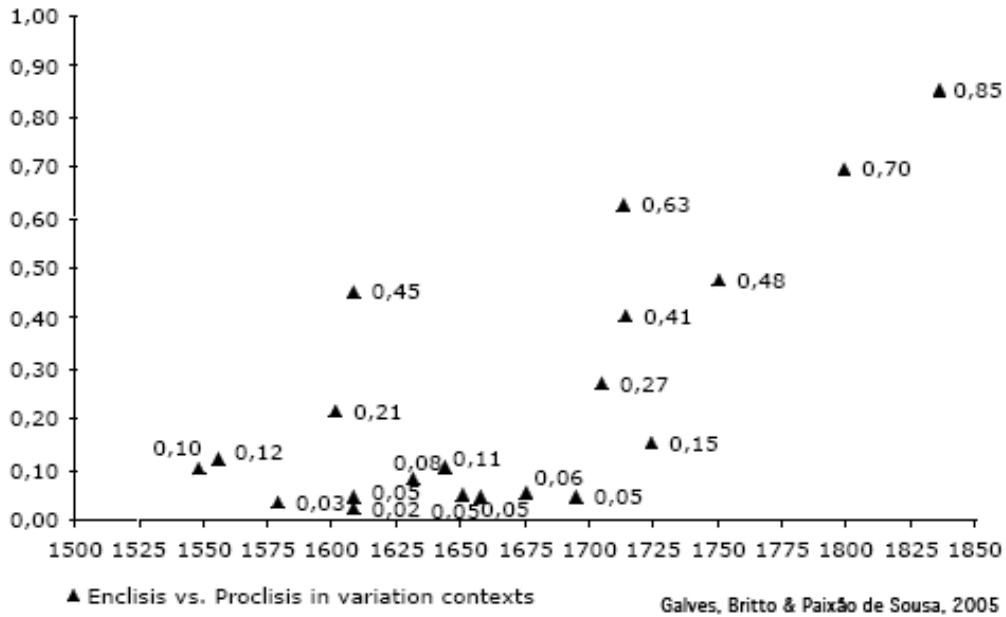
É interessante observar que, consistentemente com o que já havia sido reportado no trabalho de Abdo, o comportamento do clítico nos casos das infinitivas preposicionadas também apresenta diferença em relação ao tipo de preposição. Com a preposição *a*, vemos que os clíticos saíram de um contexto de variação onde a próclise se fazia dominante, como era tendência no português arcaico, para um quadro essencialmente enclítico, sendo essa a norma no português europeu contemporâneo. Já observando a evolução no uso da ênclise nos outros ambientes, das orações infinitivas introduzidas pelas preposições *de*, *para*, *com*, *até*, *sem*, *em* e *por*, podemos notar, entre eles, certa similaridade. Em todos os casos, encontramos inicialmente um ambiente

proclítico, à imagem do que ocorria no português arcaico, e chegamos, por fim, a um ambiente de variação, onde as ênclises se fazem mais presentes que outrora.

As mudanças que ocorrem em relação à posição dos clíticos no caso das preposições introduzidas por *de*, *para*, *até*, *com*, *em*, *sem* e *por* parecem datar da mesma época, tendo início por volta da primeira metade do século XVII com *Cartas Familiares* (de Melo, nascido em 1608) e se intensificando até *Cartas a Emilia* (de Ortigão, nascido em 1836). A única exceção é a preposição *até*, cujo primeiro caso de ênclise é encontrado apenas no texto de Bernardes (1644-1710). Já com a preposição *a*, vemos que a mudança que leva de um ambiente de variação a um ambiente de ênclise categórica pode ser demarcado mais adiante, no texto de Argote (1676-1749).

Estudando as orações finitas do corpus *Tycho Brahe*, Galves, Britto e Paixão de Souza (2005) também reportam um aumento no número de ênclises ao longo do período que o corpus abrange. As autoras separaram 24.974 dados de orações finitas que apresentavam clíticos e, dentre essas, 5.369 ocorrências de orações principais afirmativas, que constituiu o foco da pesquisa⁶. Foram excluídos os contextos de próclises e ênclises categóricas e, embora o posicionamento do clítico pudesse funcionar distintamente devido a certas especificidades de contexto (como ambientes em que a posição pré-verbal pode ser ocupada por sujeito, por advérbio, etc.), os casos enclíticos passam a aumentar na maioria dos textos a partir do século XVIII. Este comportamento pode ser observado no gráfico das autoras, reproduzido aqui, e que indica a distribuição de ênclises vs. próclises no período estudado:

⁶ Nas orações negativas e subordinadas, com exceção de 16 casos de ênclises nas subordinadas, a próclise é categórica



Comparando esses resultados com aqueles apresentados por este trabalho, podemos notar que, curiosamente, o crescimento da ênclise no contexto das orações finitas tem início por volta do século XVIII, ou seja, um século depois que essa mudança começa a ocorrer com as orações infinitivas introduzidas pelas preposições *para, de, em, por, com, até e em*. No entanto, se pensarmos que o uso categoricamente enclítico nas infinitivas preposicionadas por *a* é marcado a partir do texto de Argote, ou seja, no terceiro quartel do século XVII, poderíamos cogitar uma relação entre a mudança que ocorre com as infinitivas introduzidas pela preposição *a* e aquela que ocorre com as orações de tempo finito.

Uma possível relação entre a mudança no comportamento dos clíticos nas orações finitas e nas infinitivas preposicionadas por *a*, além dos motivos que evidenciam o “adiantamento” enclítico das infinitivas introduzidas por *para, de, em, por, com, até e em* já no início do século XVII, não foram problemas explorados por esse trabalho, mas constituem questões abertas e passíveis de futuras investigações.

Referências bibliográficas:

Abdo, Patrícia Lourençato. 2000. *"Colocação dos Clíticos em Orações Infinitivas introduzidas por Preposições no Português Clássico"*. Projeto de Iniciação Científica – Relatório Final

Cavalcante, Sílvia Regina Oliveira. 2006. *O uso de SE com Infinitivo na História do Português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos*. Tese de doutorado, IEL/Unicamp.

Galves, Charlotte Marie Chambelland, Helena de Souza Britto, e Maria Clara Paixão de Souza. 2005. *The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus*.

Mateus, Maria Helena Mira, Ana Maria Brito, Inês Duarte, e Isabel Hub Faria. 1989. Gramática da Língua Portuguesa, 2ª edição revista e aumentada, Lisboa.

Martins, Ana Maria. 1994. *Clíticos na história do Português*. Tese de doutorado, Lisboa, 1994.

Torres Moraes, Maria Aparecida. *Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de doutorado.

Aluno Bolsista: Mahayana Cristina Godoy

Professor Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves

Campinas, 07 de dezembro de 2006